



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

AMANDA DE CAMARGO MENDES

**GUIA DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO BE UEL:
UMA AÇÃO VOLTADA À INTERNACIONALIZAÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

AMANDA DE CAMARGO MENDES

**GUIA DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO BE UEL:
UMA AÇÃO VOLTADA À INTERNACIONALIZAÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Letras Estrangeiras Modernas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Viviane A. Bagio Furtoso

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Mendes, Amanda de Camargo.

GUIA DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO BE UEL : UMA AÇÃO VOLTADA À INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA /Amanda de Camargo Mendes. - Londrina, 2018.
57 f. : il.

Orientador: Viviane Aparecida Bagio Furtoso.

Trabalho de Conclusão Final (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas, 2018.
Inclui bibliografia.

I. Internacionalização, Mobilidade Acadêmica Internacional, Acolhimento de Estudantes Estrangeiros, Ensino de Línguas Estrangeiras - Tese. I. Bagio Furtoso, Viviane Aparecida . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas. III. Título.

CDU 8

AMANDA DE CAMARGO MENDES

**GUIA DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO BE UEL:
UMA AÇÃO VOLTADA À INTERNACIONALIZAÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Letras Estrangeiras Modernas.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Viviane A. Bagio
Furtoso
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Nelson Viana
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof^a. Dr^a. Michele Salles El Kadri
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 16 de outubro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Sou bastante grata a muitos. Aos que me apoiaram (alguns destes, desde sempre) e, em especial, aos que me desafiaram.

Ainda, obrigada aos que me desafiaram por acreditarem que, com devido apoio e orientação, eu me guiaria por terras que me são estrangeiras. Destes alguns, você, Viviane. Sempre.

À Maria, que não é só Maria e nem Maria só.

MENDES, Amanda de Camargo. **Guia do Estudante Estrangeiro Be UEL: uma ação voltada à internacionalização da Universidade Estadual de Londrina.** 2018. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de expor o percurso de análise e trabalho que levou à elaboração do guia Be UEL. Desenvolvido no formato de site, o Guia apresenta informações acerca dos procedimentos relativos à mobilidade acadêmica internacional, como requisitos e documentação necessários tanto à admissão na Universidade Estadual de Londrina e entrada no Brasil quanto à permanência no país. Não menos importante, o guia Be UEL disponibiliza ainda informações sobre oferta de moradia e serviços oferecidos pela IES à comunidade estudantil, como restaurante universitário, atendimento ambulatorial e aulas de português para falantes de outras línguas. O ponto de partida do trabalho foi a indagação acerca de questões fundamentais à compreensão do conceito de internacionalização. Em seguida, fizemos um levantamento das informações e serviços disponibilizados pela UEL aos estudantes estrangeiros. Tal procedimento foi igualmente realizado com outras instituições de ensino superior, tanto brasileiras quanto estrangeiras, de modo a comparar os recursos por elas disponibilizados. Segue-se a essa comparação a descrição do processo de elaboração do guia Be UEL e, por fim, a apresentação deste. Com isso, pretende-se neste artigo expor aos leitores o percurso que parte da observação e reflexão a uma ação voltada à internacionalização da Universidade Estadual de Londrina.

Palavras-chave: Internacionalização. Mobilidade acadêmica internacional. Acolhimento de estudantes estrangeiros. Ensino de línguas estrangeiras

MENDES, Amanda de Camargo. **Foreign student guide Be UEL**: an action aimed at the internationalization of the State University of Londrina. 2018. 56 p. Term paper (Professional Master's Degree in Modern Foreign Languages) - State University of Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

This article aims to expose the path of analysis and work that led to the preparation of the "Be UEL" guide. Developed in a website format, the guide presents information about the procedures related to international academic mobility, such as requirements and documentation necessary both for admission to the State University of Londrina and entry into Brazil as well as the permanence in the country. Not least, the "Be UEL" guide also provides information on housing offers and services offered by higher education institutions to the student community. The starting point of the work was the inquiry about fundamental questions to the understanding of the concept of internationalization. Then, a survey was made of the information and services provided by UEL to foreign students. This procedure was also carried out with other higher education institutions, both Brazilian and foreign, in order to compare the resources made available by them. This comparison follows the description of the process of preparing the "Be UEL" guide and, finally, its presentation. With this, it is intended in this article to expose to readers the path that starts from observation and reflection to an action aimed at the internationalization of the State University of Londrina.

Key-words: Internationalization. International academic mobility. Reception and permanence of foreign students. Foreign language teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Processo Fractal de Rudzki	22
Figura 2	–	Screenshot de página da AUCANI (versão em inglês)	36
Figura 3	–	Screenshot do Student and Researcher's guide (em PDF).....	37
Figura 4	–	Screenshot da página da DERI (versão em inglês)	38
Figura 5	–	Screenshot da subpágina Visitor's Guide (versão em inglês)	38
Figura 6	–	Screenshot da subpágina Visitor's Guide (versão em inglês)	39
Figura 7	–	Screenshot da subpágina Plan a Visit.....	40
Figura 8	–	Screenshot da página em inglês da UNIFESP.....	40
Figura 9	–	Screenshot do guia de procedimentos da UNIFESP (em PDF)	41
Figura 10	–	Screenshot da página institucional da UFRJ.....	42
Figura 11	–	Screenshot da subpágina After Arrival da UFRJ	42
Figura 12	–	Screenshot da página institucional da UFMG (versão em inglês).....	43
Figura 13	–	Screenshot da subpágina Admission&Aid da UFMG	44
Figura 14	–	Screenshot da página da inicial (Home).....	47
Figura 15	–	Screenshot da subpágina "Antes de Chegar"	49
Figura 16	–	Screenshot da subpágina "Moradia"	49
Figura 17	–	Screenshot da subpágina "Quando chegar".....	50
Figura 18	–	Screenshot da subpágina "CPF"	51
Figura 19	–	Screenshot da subpágina "A vida na UEL"	51
Figura 20	–	Screenshot da subpágina "Fale Português"	52
Figura 21	–	Screenshot da subpágina "Sobre".....	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise comparativa das IES brasileiras	34
Quadro 2 – Análise comparativa das IES estrangeiras.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AUCANI	Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional
DERI	Diretoria Executiva de Relações Internacionais (UNICAMP)
IES	Instituição de Ensino Superior
PFOL	Português para Falantes de Outras Línguas
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PANORAMA DAS DISCUSSÕES SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO	18
2.1	INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR – O QUE É?	21
2.2	INTERNACIONALIZAR PARA QUÊ?: MOTIVAÇÕES	25
2.3	INTERNACIONALIZAÇÃO – ONDE?	28
3	ELABORAÇÃO DO GUIA DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO BE UEL: ETAPAS	31
3.1	ETAPA 1: CONTEXTUALIZAÇÃO	31
3.2	ETAPA 2: ANÁLISE COMPARATIVA DE SITES DE IES BRASILEIRAS.....	33
3.2.1	Universidade Estadual de São Paulo (USP).....	36
3.2.2	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	37
3.2.3	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	39
3.2.4	Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	40
3.2.5	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	41
3.2.6	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).....	43
3.3	ETAPA 3: PERCURSO PARA A ELABORAÇÃO DO GUIA	44
4	APRESENTAÇÃO DO GUIA BE UEL	47
4.1	PÁGINA INICIAL	47
4.2	<i>BE</i> UEL	48
4.2.1	Antes De Chegar	48
4.2.2	Quando Chegar	50
4.2.3	A Vida Na UEL	51
4.2.4	Fale Português	52
4.3	SOBRE	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela elaboração de um *site* com o propósito de disponibilizar informações úteis ao recebimento e à permanência de estudantes estrangeiros na Universidade Estadual de Londrina surgiu de minha experiência profissional como gestora de um programa de intercâmbio estabelecido entre uma instituição de ensino superior¹ americana e uma brasileira.

Assim que dei início àquele trabalho como gestora, em 2012, pude constatar que no *site* da IES brasileira havia poucas informações em outras línguas e, quando disponíveis, essas não eram suficientes e tampouco atualizadas. Logo, caso um estudante estrangeiro não proficiente em língua portuguesa – perfil dos participantes do Programa em questão – desejasse se informar a propósito do funcionamento do campus – cursos e serviços oferecidos – e, em seguida, quisesse se matricular em disciplinas de seu interesse, dificilmente conseguiria fazê-lo por conta própria. Isto porque a maior parte das informações e das ementas dos cursos não estavam disponibilizadas *online* e, quando estavam, eram de difícil compreensão; não apenas por não seguirem um padrão, mas, sobretudo, por serem apresentadas exclusivamente em língua portuguesa.

Acrescente-se a isso que a então inexistência de um escritório ou assessoria de relações internacionais no campus da IES brasileira dificultava e, por vezes, impossibilitava um entendimento claro a respeito dos serviços básicos oferecidos pela universidade à comunidade estudantil. Dessa forma, para um estudante vindo do exterior compreender o funcionamento da biblioteca, do restaurante universitário, do atendimento ambulatorial, dos departamentos e dos centros acadêmicos, entre outros serviços oferecidos pela universidade, tornava-se um obstáculo que, não raramente, implicava prejuízos para esses estudantes, uma vez que a escassez de informações em línguas estrangeiras fazia com que fossem impelidos a empregar parte de seu tempo de estudos na resolução de problemas que poderiam ser facilmente solucionados caso tivessem acesso a um *site* que disponibilizasse informações em outros idiomas acerca da vida universitária. Nesse sentido, cabe ressaltar que, de acordo com o último relatório de avaliação do nível de internacionalização das universidades brasileiras, elaborado pela Coordenação de

¹ A partir de agora, usarei a sigla IES para abreviar o termo Instituição de Ensino Superior.

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a CAPES, em 31 outubro de 2017, a falta de escritórios específicos para assuntos internacionais e a carência de informações, em outros idiomas, destinadas a estudantes estrangeiros são ainda entraves ao desenvolvimento da internacionalização das IES brasileiras².

Naquela ocasião, considerei a hipótese de que essa carência de infraestrutura não era uma particularidade da instituição para a qual eu trabalhava e, a fim de verificá-la, iniciei uma pesquisa de *sites* de universidades públicas brasileiras dirigidos à comunidade estudantil internacional que buscava prosseguir ou ampliar seus estudos no Brasil. Esse primeiro levantamento, por meio do qual reuni informações disponíveis nos *sites* da Universidade de São Paulo, da Universidade Estadual de Campinas, da Universidade Estadual Paulista, da Universidade Federal de São Paulo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal de Minas Gerais, possibilitou-me entender que não só as informações eram então insuficientes, como a forma de apresentá-las pouco didática; sobretudo considerando-se o fato de que os estudantes que buscavam se informar a respeito da vida acadêmica e das cidades em que essas instituições estavam localizadas eram pouco ou nada familiarizados com a língua portuguesa.

Tal dado, por si só, representa um fator multiplicador das dificuldades que esses estudantes enfrentam ao se instalarem no país para prosseguir seus estudos e que, conseqüentemente, compromete a avaliação feita por eles com relação ao nível de internacionalização de nossas universidades. Além do referido relatório da CAPES, pesquisas recentes mostram que entre os muitos desafios à internacionalização das IES brasileiras estão justamente a recepção e a inclusão de estudantes estrangeiros nas universidades do país (ANDRADE; TEIXEIRA, 2009; COSTA et al., 2008; FEIJÓ, 2013; SILVA; LIMA, 2013; FEIJÓ, 2013).

Embora não mais desempenhe o papel de articuladora entre a IES brasileira e a estrangeira – função que me permitiu vivenciar os trâmites administrativos e acadêmicos e os desafios logísticos e culturais próprios de um convênio de cooperação internacional entre Instituições de Ensino Superior³ –, encontrei-me

² Cf. "A Internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES", edição e composição: Diretoria de Relações Internacionais. Brasília, 31 de outubro de 2017, pp. 29-30. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

³ Como desde o início de 2015 não atuo junto àquele programa de intercâmbio, entendo que a realidade possa hoje ser outra - inclusive na IES brasileira com a qual trabalhei. De lá para cá, não só os esforços à internacionalização das universidades do país foram continuados como sofreram

novamente envolvida em questões relativas a esse processo pois, na condição de pesquisadora e de professora de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), no Laboratório de Línguas (IRCH) da Universidade Estadual de Londrina, tive acesso a uma outra realidade institucional que me possibilitou encarar essas questões de uma perspectiva distinta, porém complementar à minha experiência anterior.

A partir dessa outra perspectiva, pareceu-me oportuno, em um primeiro momento, compreender o processo de internacionalização da Universidade Estadual de Londrina no tocante às ações voltadas ao acolhimento e à permanência de estudantes estrangeiros na instituição e, em um segundo momento, avaliar, mediante entrevistas, se tais ações atendiam às necessidades e expectativas desses estudantes. Com base nas informações coletadas e nos recursos disponibilizados atualmente pela UEL e pelas demais IES pesquisadas, pude verificar a necessidade de adequação desses recursos e do desenvolvimento de novos com o intuito de contribuir para melhor inclusão de estudantes estrangeiros na comunidade acadêmica e também para promoção e divulgação, em línguas estrangeiras, da instituição perante a comunidade acadêmica nacional e internacional.

Com esse propósito, foi idealizado o projeto de extensão *Be UEL*, do qual fui coautora. Entre suas ações principais, o projeto, que entrou em vigor no início de 2017, previu a elaboração da página institucional da UEL em línguas estrangeiras, um trabalho que foi iniciado por mim e que vem sendo desenvolvido em parceria com discentes e docentes participantes do Projeto; a produção e a tradução de material de divulgação da instituição; e a elaboração, no formato de um *site*, de um guia do estudante estrangeiro, cujo processo criativo de elaboração será apresentado neste artigo.

Destinado ao estudante estrangeiro, o Guia contém informações acerca dos procedimentos relativos à mobilidade internacional, como requisitos e documentação necessária à admissão e entrada no Brasil, e à permanência no país, como registro na Polícia Federal, cadastro de pessoa física (CPF). Não menos importante, o guia

adequações (a exemplo do programa Ciências sem Fronteiras) e novos programas de incentivo / que dão suporte à mobilidade acadêmica internacional foram criados (Idiomas sem Fronteiras, Paraná Fala Inglês, entre outros).

Be UEL disponibiliza ainda informações sobre oferta de moradia e serviços oferecidos à comunidade estudantil, como restaurante universitário, atendimento ambulatorial, práticas esportivas, atividades culturais e aulas de português para falantes de outras línguas.

Considerando que o Guia objetiva atender necessidades e expectativas do estudante estrangeiro, entendemos que a participação deste nas fases de desenvolvimento e de implementação era fundamental. Ao integrar a visão desse estudante, envolvendo-o em ações colaborativas com a comunidade acadêmica local, buscamos também assegurar que a internacionalização na UEL fosse operada em via de "mão dupla"⁴, ou seja, com base no diálogo e na colaboração entre membros de países distintos, na tentativa de balizar o que um recente estudo da CAPES denominou "internacionalização passiva"⁵. A direção escolhida para este trabalho possibilitou ainda desenvolver uma modalidade de internacionalização "em casa"⁶, por meio da qual são contempladas as dimensões interculturais internacionais nos processos de ensino e de aprendizagem no interior da própria IES.

Resultante da articulação entre experiência profissional, pesquisa e análise comparativa de *sítes* de IES brasileiras e estrangeiras e do trabalho colaborativo, foi elaborado o Guia do Estudante Estrangeiro *Be UEL*, que será posteriormente cedido à universidade. O conjunto de informações nele reunidas, apresentado em língua portuguesa, inglesa e espanhola, deverá ser traduzido para outros idiomas em uma etapa posterior, e, continuamente, como propõe Rudzki (1998), deverão ser feitos

⁴ De acordo com José Alberto Antunes de Miranda e Luciane Stallivieri: "ainda muito do que se faz por meio da cooperação internacional **não é de mão dupla** [grifo nosso], não contempla os critérios de reciprocidade, beneficiando geralmente apenas um dos parceiros"; estes mesmos autores também afirmam que a "abertura das universidades brasileiras para o mundo precisa ser de **mão dupla**", pois entendem que desse modo seria possível modernizar e inovar nossas instituições de ensino superior. In: "Para uma política de internacionalização para o ensino superior no Brasil", *Avaliação*, Campinas-Sorocaba, SP, v. 22, n. 03, p. 589-613, novembro 2017.

⁵ Segundo o referido relatório da CAPES, o conceito de "internacionalização passiva" é entendido como segue: "Conceitualmente, podemos dividi-la [a internacionalização] em dois tipos: a passiva, onde ocorre a mobilidade de docentes e discentes para o exterior; e a ativa, onde o fluxo é inverso". In: "A Internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES", edição e composição: Diretoria de Relações Internacionais. Brasília, 31 de outubro de 2017, p. 6. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacaonas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

⁶ O termo internacionalização "em casa" será discutido a seguir, no capítulo 1 deste trabalho. Por hora, nos interessa apenas compreender que essa modalidade de internacionalização envolve ações internacionais dentro do próprio campus, sem que o aluno precise dele sair. Cf. "Política Linguística para Internacionalização do Ensino Superior", Documento do GT de Políticas Linguísticas para Internacionalização, FAUBAI, novembro de 2017.

ajustes e adequações necessários de modo a acompanhar o próprio processo de internacionalização da universidade.

Com a criação e a disponibilização do Guia, visamos, portanto, contribuir para melhoria no acesso a informações destinadas a estudantes estrangeiros interessados (ou que possam se interessar) em vir para a UEL, de modo a facilitar a compreensão destes acerca de procedimentos e etapas que envolvem a mobilidade acadêmica internacional; bem como cooperar para melhor acolhimento e permanência de estudantes já vinculados a programas de intercâmbio e de cooperação na Universidade.

Além desta introdução, este artigo se divide em outras quatro seções. A primeira delas traz uma breve contextualização acerca das discussões em torno da internacionalização no Ensino Superior, conceituando-a e apontando algumas de suas motivações. A segunda seção aborda os procedimentos para elaboração do guia *Be UEL*. Na terceira seção é feita a apresentação do conteúdo e partes que compõem o Guia. Por fim, na última seção, expõe-se as considerações finais e as referências que serviram de base a este artigo.

2 PANORAMA DAS DISCUSSÕES SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO

Universalistas desde suas origens, as universidades sempre aspiraram à internacionalização, não apenas dos saberes, mas também de pessoas. Assim, não é de hoje, nem das últimas décadas, que a ideia de mobilidade acadêmica internacional passou a existir, uma vez que há indicações de que já nas primeiras instituições universitárias, criadas na Idade Média, eram recebidas pessoas vindas de outras regiões do mundo em busca de conhecimento, tal como indicam Altbach e De Wit (2015):

Esse internacionalismo remonta à Universidade de Nalanda, na Índia, fundada no século VI d.C, a qual atraía pessoas de diferentes partes do mundo ligadas ao budismo. Meio milênio depois, as primeiras universidades europeias, em Bolonha e Paris [...] recebiam estudantes de todo o continente e ensinavam em uma língua comum – o Latim⁷ (p. 5).

Nessa mesma direção, Charle e Verger (1996, apud FRANKLIN; ZUIN; EMMENDOERFER, 2017) apontam a importância da circulação de estudantes na Europa Central, sobretudo entre Itália e França, pois tais deslocamentos não contribuíam apenas para a troca de conhecimentos, mas, principalmente, para notoriedade dessas universidades. Já naquela época, tais instituições eram conhecidas como "Comunidades Internacionais", designação empregada para indicar seu caráter universalista, empenhado na transmissão e difusão do conhecimento e na promoção da circulação de estudantes de países distintos.

Entretanto, se o fenômeno da internacionalização não é algo novo, próprio do século XXI, o mesmo não se pode afirmar com relação às concepções de internacionalização e de mobilidade acadêmica, tal como elas têm se desenvolvido no meio universitário nas últimas décadas. Com as mudanças ocorridas na sociedade, as relações acadêmicas também mudaram. Assim, de movimento circunscrito a milhares, a uma elite poderia se dizer⁸, a mobilidade passou a atingir

⁷ This internationalism goes back at least to Nalanda University in India in the 6th century AD, which attracted students and staff from all over the Buddhist world. Half a millennium later, the first European universities, at Bologna and Paris, were also international, enrolling students from all over the continent, and teaching in a common language—Latin (ALTBACH; KNIGHT, 2015, p. 5).

⁸ De acordo com Franklin, Zuin e Emmendoerfer, o objetivo da internacionalização nos dias de hoje é similar ao da Idade Média: a aquisição de conhecimento. No entanto, como observam os autores, se naquele período "apenas os grupos de elite tinham acesso a esse sistema educacional", isso muda

milhões de acadêmicos (aproximadamente 4.1 milhões em 2013). Da Europa, como maior centro receptor, aos Estados Unidos e à emergência de outros centros como Austrália, Canadá e China. Da hegemonia do latim como língua difusora dos saberes à predominância do inglês como língua franca da produção científico-acadêmica. Das motivações iniciais, outrora mais humanistas, às de hoje, essencialmente mercadológicas (DE WIT, 2011; ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009; UNESCO, 2016).

No caso brasileiro, sabe-se que uma ideia de internacionalização está na base da formação de nossas universidades. Porém, há momentos distintos de nossa história universitária que delineiam e que acentuam esse caráter mercadológico a que aludem os autores citados. Entre os primeiros índices de discussão acerca da internacionalização do Ensino Superior no Brasil, figuram os decretos-lei nº 53, de novembro de 1966, e nº 252, de fevereiro de 1967, que enfatizam o caráter mercantil da internacionalização universitária brasileira. De acordo com Franklin, Zuin e Emmendoerfer (2017), esses decretos, promulgados após o golpe militar de 1964, foram determinantes para fixação do aspecto mercantil da internacionalização das universidades brasileiras, uma vez que, por meio deles, a educação superior passou "a ser vista como um produto passível de ser comercializado sob a forma de 'serviços educativos'" (FRANKLIN; ZUIN; EMMENDOERFER, 2017), o que levou, segundo esses autores, ao começo de discussões sobre a abertura educacional no país.

Com a Reforma Universitária de 1968, que serviu de base para consolidação da internacionalização do Ensino Superior no país e que foi impulsionada por esses dois decretos-lei, manteve-se aceso o viés mercantil da educação superior. No entanto, houve modificação na ênfase dada ao tema já que, de mera mercadoria a ser comercializada, ela passa a ser considerada em sua aplicabilidade para profissionalização da população brasileira, ainda que com a finalidade explícita de atender ao mercado. Segundo Laus (2012, p. 39), a ênfase na profissionalização "norteou a educação nacional a partir dessa época" e refletiu a necessidade de criar

após a Revolução Industrial, quando "o conhecimento passou a ser importante no processo produtivo, e a educação começou a ser mais incentivada para que os trabalhadores pudessem, dotados desse conhecimento, produzir mais. Desde então, ser detentor e produtor de conhecimento passou a ser algo almejado pelas economias mais fortes e pelas elites.". Cf.: FRANKLIN, Luiza A.; ZUIN, Débora C.; Emmendoerfer, Magnus. *Op. cit.*

"quadros considerados aptos para atuarem junto ao crescente empresariado que vinha assumindo o controle econômico do país" (FRANKLIN; ZUIN; EMMENDOERFER, 2017).

Um terceiro momento do processo de internacionalização do Ensino Superior brasileiro ocorreu com a promulgação da Constituição Federal de 1988. A partir dela, e pautando-se por orientações de órgãos internacionais, como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), a internacionalização começa a ser encarada como uma estratégia socioinclusiva, dado que a Constituição, assim como a referida instituição, procurava atenuar o viés economicista da formação superior para enfatizar a ideia de educação baseada em princípios que viessem a contribuir para o desenvolvimento social. Além disso, nesse mesmo momento, e movida pelos mesmos princípios norteadores, é criada a Associação Brasileira de Educação Internacional, a FAUBAI, com vistas à melhoria e ao aperfeiçoamento do intercâmbio e da cooperação internacionais.

Contudo, a ação de outras organizações internacionais reforça a manutenção das intenções econômicas aplicadas à internacionalização do Ensino Superior. A exemplo disso, lembremos que, com o "Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços", firmado entre diversos países e apoiado pela Organização Mundial do Comércio, em 1995, novamente o caráter mercantilista da internacionalização do Ensino Superior ganha força. Segundo Laus (2012, p. 50-51), a partir desse acordo a educação superior volta a ser vista "como um produto passível de ser comercializado sob a forma de serviços educativos". De todo modo, o Acordo, ainda que baseado em interesses econômicos, contribuiu para o desenvolvimento da internacionalização do Ensino Superior no Brasil ao promover a mobilidade estudantil.

Por essa mesma época, a CAPES – ela mesma criada sob a égide do internacionalismo (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017, p. 598) –, preocupada em posicionar as universidades brasileiras em padrões estabelecidos por universidades estrangeiras, passou a promover e a fomentar atividades internacionais a seus docentes, por meio de acordos e parcerias com instituições de outros países. Ações desse tipo culminaram na criação do maior programa de mobilidade estudantil promovido pelo governo brasileiro: o *Ciência sem Fronteiras* (CsF). Com a consolidação da economia globalizada e com o surgimento de grupos de cooperação política e econômica, como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e

África do Sul), o governo federal começou a fazer investimentos com a finalidade de promover a cooperação acadêmica internacional. De acordo com Altbach e Knight (2007, p. 290), esse tipo de investimento reflete não somente o surgimento da "sociedade do conhecimento" mas também "a ascensão do setor de serviços e a dependência de muitas sociedades de produtos do conhecimento/educacionais e de pessoal altamente qualificado para o crescimento econômico"⁹ – o que explica, em parte, a decisão política de se investir, no início do programa CsF, em áreas economicamente estratégicas para o governo¹⁰ a fim de se atender às demandas de uma sociedade altamente competitiva e globalizada.

Se a universidade sempre se caracterizou por uma aspiração internacionalista, como procurei esboçar nesse breve panorama sobre a internacionalização do Ensino Superior, é preciso, antes, considerar que se trata de um processo, marcado por particularidades históricas, políticas e econômicas que modularam sua definição e sua compreensão. Assim, para que possamos entender e avaliar como a internacionalização vem ocorrendo nas universidades brasileiras (e se é que ela vem ocorrendo¹¹) nos parece imprescindível compreender como a internacionalização do Ensino Superior vem sendo entendida nos últimos anos, para tentar chegar a uma síntese do conceito à luz de suas motivações, tais como as que foram delineadas até esta parte do trabalho.

2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO – O QUE É?

A partir do que foi exposto anteriormente, e considerando que a internacionalização se relaciona também com outros aspectos educacionais, seria importante indagar em que consiste o conceito de internacionalização aplicado ao

⁹ This investment reflects the emergence of the 'knowledge society', the rise of the service sector, and the dependence of many societies on knowledge products and highly educated personnel for economic growth (ALTBACH; KNIGHT, 2007, p. 290).

¹⁰ Segundo Miranda e Stallivieri, na época de sua criação, o governo federal investiu R\$ 3, 16 bilhões de reais no programa *Ciência sem Fronteiras* sendo que, deste montante, R\$ 1,7 bilhões da CAPES e R\$ 1,4 bilhões do CNPQ. *Op. cit.* p. 604. Franklin et al. apontam que as áreas privilegiadas pelo programa foram: Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. *Op. cit.* p. 141.

¹¹ De acordo com o citado relatório da CAPES, 2017, a maior parte das universidades brasileiras se considera pouco ou medianamente internacionalizada (Cf. p. 28). Além disso, das 312 universidades que responderam ao questionário aplicado pela instituição, 249 delas apresentam um nível muito baixo de internacionalização, dados que confirmam o que observa De Wit (2013) com relação à prática de ações isoladas que não configuram um processo: "(...) o discurso da internacionalização nem sempre parece ser associado à realidade, sendo a internacionalização mais frequentemente interpretada como sinônimo de educação internacional – ou seja, uma soma de termos fragmentados e geralmente pouco relacionados entre si – do que como um processo e um conceito abrangentes".

Ensino Superior. Para Rudzki (1998), a internacionalização é um processo de mudanças organizacionais que implica "inovação curricular, no desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, e desenvolvimento da mobilidade acadêmica" (FÓRUM, 2016, p.15), com o objetivo de promover não apenas o aperfeiçoamento da docência e da pesquisa, mas também de outras atividades que, segundo ele, "são parte da função das universidades". O autor ainda propõe o entendimento da internacionalização como um processo fractal, tal como exposto no diagrama abaixo:

Figura 1 – Processo Fractal de Rudzki



Fonte: Rudzki (1998, p. 220)

Como se observa na Figura 1, Rudzki (1998) divide o processo de internacionalização em diferentes etapas a serem cumpridas. A primeira delas é a da avaliação do contexto em que a IES está inserida, levando-se em consideração seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Na segunda etapa, a da abordagem, o autor propõe que se deve analisar as particularidades históricas e a própria cultura desenvolvida no interior da instituição, com a finalidade de mensurar os benefícios que a internacionalização pode-lhe trazer. Na etapa da razão, são aferidas as motivações que podem conduzir a instituição a buscar internacionalizar-se. Na etapa seguinte, na qual o autor propõe uma articulação entre Ações, Dimensões e

Atividades, é que se encontra, segundo ele, o momento no qual ocorrem de fato as mudanças institucionais, já que essa etapa do processo implica diretamente em ações efetivas, como as que estão destacadas no próprio quadro. Passada a etapa de mudanças que conduzem efetivamente à internacionalização, Rudzki recomenda o monitoramento e as possíveis revisões das ações colocadas em prática. Para o autor, por se tratar de um processo complexo, que envolve muitas variáveis, é necessário que se faça um acompanhamento constante de todas as ações para que, em caso de necessidade, sejam feitas as alterações necessárias à prática da internacionalização na instituição. Por fim, trata-se nessa última etapa de ajustes, quando necessário, no processo de internacionalização, com base nas experiências vividas na instituição, nas falhas e nos problemas verificados. Logo, a internacionalização deve ser pensada como um processo, capaz de promover adaptações interna e externamente a fim de melhor efetivar-se no ambiente universitário.

Knight e De Wit, autores que se ocupam do tema desde o início da década de 1990, propõem visões semelhantes da internacionalização pois, se para a primeira, a internacionalização é definida como um "processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções ou oferta do ensino superior"¹² (KNIGHT, 2003), o segundo entende que a internacionalização é "o processo motivado de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções e ações da educação superior"¹³, e acrescenta que a sua finalidade é melhorar o ensino e a pesquisa com vistas a uma maior contribuição social.

Possivelmente é a partir desse entendimento que De Wit e Morosini (2006) propõem dois modelos distintos para se entender o fenômeno da internacionalização: o modelo central e o modelo periférico. Na concepção dos

¹² (...) at the national/sector/institutional levels is defined as the process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions or delivery of post-secondary education (KNIGHT, 2003, p. 2). Em 2008, Knight incorpora a seu conceito a proposição de que essa dimensão global nos propósitos de internacionalização deve se dar nos níveis "institucional e nacional". Já quanto às críticas ao fato de sua definição não considerar o papel da internacionalização como promotora da cooperação e solidariedade entre (e *intra*) nações, da melhoria da qualidade do Ensino Superior e do avanço das pesquisas científicas, a autora afirma que a "internacionalização pode certamente contribuir para estes objetivos" e se defende propondo que: [...] uma definição precisa ser suficientemente objetiva para que possa ser usada a fim de descrever um fenômeno que é, de fato, universal, mas que tem propósitos e resultados diferentes, dependendo do protagonista ou interessado, e do contexto nacional ou institucional (KNIGHT, 2008, p. 21).

¹³ *Apud in*: "Política Linguística para Internacionalização do Ensino Superior", Documento do GT de Políticas Linguísticas para Internacionalização, FAUBAI, novembro de 2017.

autores, o modelo central seria justamente aquele processo que incorporaria uma dimensão internacional, intercultural ou global aos objetivos, funções e organização da instituição; já o modelo periférico seria um processo que se caracterizaria pela presença de atividades internacionais, isoladas, em alguns setores da IES.

Tomando como ponto de partida esses dois modelos, Tanoue e Morilas (2015) propõem uma reflexão acerca da pluralidade de órgãos normativos nas IES brasileiras que, ao criarem suas próprias diretrizes políticas quanto à internacionalização, dificultam o desenvolvimento de uma política coesa e uniforme que seja a ela aplicável. Desse modo, as autoras sugerem que as ações de internacionalização sejam concentradas em um órgão central, para que "as atividades sejam seguidas pelos órgãos inferiores de modo a executar o planejamento político definido institucionalmente" (TANOUE; MORILAS, 2015, p. 13).

Embora a UEL conte com uma instância acadêmica "que desempenha papel fundamental no estabelecimento de parcerias com instituições estrangeiras visando à formulação de acordos e convênios que viabilizam a cooperação acadêmica internacional"¹⁴, a Assessoria de Relações Internacionais (ARI), percebe-se que ainda há pouco investimento da Universidade em ações voltadas à internacionalização em sua totalidade, tal como ela é concebida pelos autores que embasam este artigo. Sendo assim, mesmo que estejam em curso iniciativas promovidas pela Assessoria e por outros órgãos da Instituição, a desarticulação entre eles implica ações isoladas que não atingem os resultados que poderiam ser obtidos mediante um trabalho melhor articulado entre as diferentes instâncias universitárias.

Reflexo dessa desarticulação – que não é uma particularidade de nossa universidade¹⁵ – é a própria página institucional da UEL, que apenas recentemente vem sendo elaborada em língua inglesa¹⁶ com a proposta de futuras versões em

¹⁴ <http://www.uel.br/ari/pages/quem-somos/ari.php>

¹⁵ Miranda e Stallivieri escrevem que, apesar do esforço, da busca de nossas instituições de ensino superior pela internacionalização, tal empenho ocorre "de forma nem sempre articulada", o que, na visão desses autores compromete o desenvolvimento da internacionalização nas IES brasileiras. Artigo citado, p. 590.

¹⁶ Apesar de haver uma bandeira na página principal, que indica uma versão em inglês do site, o que existe até então são máscaras em inglês, ou seja, uma primeira página com informações gerais. Porém, tudo que está *linkado* a esta página "máscara" está em português. Vale ressaltar que, no II Forinter (Fórum de Internacionalização da UEL), foi discutida a importância de cada programa de pós-graduação ter sua página em inglês, considerando as políticas de internacionalização da universidade.

outras línguas, como espanhol e francês. Aliás, esse é um dos entraves apontados no último relatório CAPES sobre a internacionalização das IES do país, elaborado em novembro de 2017, que evidencia que "nem a metade das páginas de pós-graduação brasileiras possuem versão em outro idioma"¹⁷. Logo, se é de interesse das universidades brasileiras promoverem-se internacionalmente e atraírem para o seu corpo, docente e discente, indivíduos que não têm o português como língua materna (ou até mesmo adicional), caberia a elas ao menos disponibilizar um canal de comunicação efetivo, de fácil acesso e entendimento, além de outras iniciativas tão ou mais significativas que pudessem contribuir para integração de uma "dimensão global" ao seu propósito de internacionalização.

2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO PARA QUÊ: MOTIVAÇÕES

Quando consideradas as razões pelas quais se defende a internacionalização, a motivação econômica – justificada em grande medida pelo aumento da competitividade em tempos de globalização – apresenta-se como consenso entre os autores comentados. Lembremos que Knight (1994), em um de seus primeiros estudos, *Internationalization: elements and checkpoints*, ainda que reconhecesse a validade dessa motivação, em face do acirramento da disputa por mercados, alerta que a ênfase dada a ela “não deveria ofuscar a atenção que deveria ser dada à realidade da interdependência e à necessidade de cooperação”¹⁸, por razões muito maiores e humanas – entre as quais, justiça e equidade social – do que as essencialmente econômicas. Para a autora, “não há uma única motivação para a internacionalização”, mas, ao contrário, “uma variedade de imperativos que não são necessariamente excludentes”¹⁹.

Em 2007, ao retomar a discussão sobre as motivações da internacionalização do Ensino Superior, Knight, em artigo redigido em colaboração com Altbach, defende que o entendimento das motivações que levaram à internacionalização das universidades é um pré-requisito para análise do tema. No artigo, intitulado *The internationalization of Higher Education: motivations and realities*, os autores

¹⁷ Cf. A Internacionalização na Universidade Brasileira, CAPES, *op. cit.* p. 30.

¹⁸ (...) should not overshadow the attention that should be given to the reality of interdependence and the need for cooperation (KNIGHT, 1994, p. 5).

¹⁹ There is no single motivation for internationalizing. Instead, there are a variety of imperative which are not necessarily mutually exclusive (KNIGHT, 1994, p. 5).

discorrem a respeito do que consideram ser as principais, entre elas: “vantagem comercial, conhecimento e aquisição linguística, aprimoramento do currículo com conteúdo internacional”²⁰ (2007, p. 290), que justificariam as instituições de Ensino Superior a internacionalizarem-se.

A internacionalização tradicional – “experiências de intercâmbio, enriquecimento do currículo via especialização em estudos internacionais, fortalecimento do ensino de línguas estrangeiras”²¹ (ALTBACH; KNIGHT; 2007, p. 293) – é uma prática comum, e antiga, no meio acadêmico. Há décadas, universidades norte-americanas de renome recorrem a programas e experiências internacionais a fim de “(...) aumentar a competitividade, o prestígio e as alianças estratégicas”²², bem como suas receitas.

Altbach e Knight (2007) observam que países emergentes ou em desenvolvimento, como China e Índia, busariam, entre outras motivações para internacionalização, “atrair estudantes estrangeiros para suas universidades com intuito de melhorar a qualidade e a composição cultural do corpo estudantil, ganhar prestígio e aumentar a receita”²³. Aliás, relativamente a esta última observação dos autores, vale ressaltar que nos últimos anos a internacionalização do Ensino Superior no Brasil vem ganhando contornos cada vez mais mercantis. Segundo Lima e Contel (2009, p. 10)²⁴, a falta de investimento público na educação superior fez com que houvesse crescimento significativo de investimentos da iniciativa privada, tanto que, como destacam esses autores, fala-se em “multinacionalização da educação superior”, ou seja, algumas instituições de Ensino Superior privadas agem como se fossem empresas multinacionais.

Tal caráter mercantil é, por vezes, visto como a principal motivação para internacionalização, o que pode ser percebido pelo interesse de universidades estrangeiras de se instalar em países emergentes. Nesse sentido, Jooste (2015)

²⁰ (...) commercial advantage, knowledge and language acquisition, enhancing the curriculum with international content (ALTBACH; KNIGHT; 2007, p. 290).

²¹ (...) study-abroad experiences, curriculum enrichment via international studies majors or area studies, strengthened foreign-language instruction (ALTBACH; KNIGHT; 2007, p. 293).

²² (...) enhance the competitiveness, prestige, and strategic alliances (ALTBACH; KNIGHT; 2007, p. 293).

²³ (...) attract foreign students to their universities to improve the quality and cultural composition of the student body, gain prestige, and earn income (ALTBACH; KNIGHT; 2007, p. 294).

²⁴ LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Bettioli. “Períodos e Motivações da Internacionalização da Educação Superior Brasileira”, in: *Colloque de l'IFBAE*, Grenoble, 18 e 19 mai, 2009.D Disponível em: <https://docplayer.com.br/6991011-Periodos-e-motivacoes-da-internacionalizacao-da-educacao-superior-brasileira-manolita-correia-lima-fabio-betioli-contel.html>. Acesso em: 17 junho 2018.

observa que algumas universidades "buscam aumentar a sua presença em outros países, principalmente nos do hemisfério sul, tal como fazem empresas multinacionais"²⁵. Para se contrapor a essa realidade, o mesmo autor propõe o estabelecimento de parcerias horizontais entre instituições, qual seja "a existência de prévio conhecimento uns dos outros para estabelecer expectativas realistas", o "compartilhamento genuíno da experiência uns dos outros", e "a aplicação do conhecimento um do outro, ao invés de transferência *one-way*"²⁶; ponto de vista partilhado por Morosini (2011) que, sem desconsiderar a importância do modelo de cooperação tradicional (sul-norte), devido ao conhecimento acumulado, afirma que a cooperação sul-sul é fundamental para "ajudar os países em desenvolvimento a fortalecerem-se como blocos"²⁷. Esse parece ter sido o entendimento do governo brasileiro quando da criação de universidades federais como a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), a Universidade Federal da Integração da Amazônia Continental (UNIAM) e da Universidade Federal de Integração Luso-Afro-Brasileira (UNILAB), todas elas concebidas com o compromisso de promover a inclusão social e a integração regional "por meio do conhecimento e da cooperação solidária"²⁸.

Parafraseando De Wit (2011, p. 245), as motivações que levam uma universidade – e um país – a lançar mão da internacionalização não são as mesmas – "(elas) variam ao longo do tempo e de acordo com o país / região" e "levam a diferentes abordagens e políticas"²⁹ – e tampouco são elas excludentes uma em relação à outra – "(elas) estão se tornando cada vez mais interconectadas"³⁰.

Dáí a importância de se considerar a percepção que os estudantes estrangeiros têm quanto ao acolhimento e à permanência nas IES para as quais se dirigem em mobilidade acadêmica. Somente a partir dessa percepção é possível aferir se há correspondência entre o que leva uma universidade a se internacionalizar - suas motivações e princípios - e a maneira pela qual ela responde

²⁵ *Apud in*: ALVES, Guilherme Krause. "Avaliação da internacionalização da educação superior: proposição de indicadores e mapeamento de processos", *Navus*, Florianópolis, SC, v.7, n.4, p. 63-76 out./dez. 2017.

²⁶ *Idem*.

²⁷ *Idem*.

²⁸ Cf. LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Betioli. *Op. cit.*

²⁹ (...) (they) vary over time and by country/region" e "they lead to different approaches and policies (DE WIT, 2011, p. 245).

³⁰ (...) (they) are becoming more and more interconnected (DE WIT, 2011, p. 245).

a esses estímulos, ou seja, como ela vem se internacionalizando: se apenas no plano das políticas ou em ações que promovam a internacionalização em sua dimensão global.

2.3 INTERNACIONALIZAÇÃO – ONDE?

Ao propor o seu conceito de internacionalização, Knight (2008) indica a necessidade de se diferenciar duas modalidades possíveis do fenômeno, a que ocorre “em casa”, ou seja, na própria IES (*campus-based*), e a que “se concentra mais na educação internacional no exterior³¹” (*crossborder education*). Com relação à primeira, a autora observa que o termo (internacionalização em casa) parece ter sido criado para

(...) chamar a atenção para aqueles aspectos da internacionalização que aconteceriam em um campus doméstico. Eles compreendem a dimensão intercultural e internacional no processo de ensino-aprendizagem e pesquisa, atividades extracurriculares e relações com a cultura e os grupos étnicos locais, bem como a integração de estudantes e docentes estrangeiros na vida e nas atividades do campus³² (KNIGHT,2008, p. 22).

Anos antes da publicação de Knight, Nilsson (1999) apresentou, no Fórum da European Association for International Education, EAIE, de 1999, questionamentos sobre processos e modalidades de internacionalização presentes nas universidades europeias. Para o pesquisador sueco, a questão da internacionalização "em casa" advinha da constatação de que, na época, passados dez anos de mobilidade estudantil promovida pelo programa *Erasmus*, apenas 10% dos estudantes iam efetivamente estudar fora de seus países de origem. Diante desse quadro, Nilsson (1999) indagava "Como é que proporcionamos uma dimensão internacional à educação dos restantes 90% de estudantes europeus?"³³.

³¹ "(...) wich focuses more on international education abroad or crossborder education" (KNIGHT,2008, p. 22).

³²a term developed to bring attention to those aspects of internationalization wich would happen on a home campus. They include the intercultural and international dimension in the teaching-learning process and research, extracurricular activities, and relationships with local cultural and ethic community groups, as well as the integration of foreign students and scholars into campus life and activities (KNIGHT,2008, p. 22).

³³ Cf. António Marques, "Internacionalização em Casa e Internacionalização do Currículo: ferramentas da melhoria do ensino". Comunicação apresentada no 57º Fórum Nacional de Reitores da ABRUEM, 07 a 10 outubro de 2015, São Paulo.

Para Nilsson (1999), a impossibilidade de que uma grande parcela, a maior parte, saísse de seus países a fim de obter formação complementar em países estrangeiros criava por si só a necessidade de se desenvolver e de se colocar em prática métodos e processos capazes de produzir a internacionalização na própria instituição de origem dos estudantes. A partir de suas indagações foi criada, na própria EAIE, um "Grupo de Interesse Especial" que se ocuparia da formulação de propostas de internacionalização "em casa".

O "Internationalization at Home (IaH) Special Interest Group", como foi nomeado, obteve seu reconhecimento pela comissão executiva da referida Associação em agosto de 1999 e, já na conferência anual, ocorrida em dezembro do mesmo ano, apresentava algumas proposições importantes para definição de processos e ações para promoção da internacionalização "em casa"³⁴. Entre eles, estavam o empenho do grupo em definir e em descrever o conceito de "internationalization at home"; promover debates e seminários acerca do tema conclamando a comunidade acadêmica à reflexão sobre o assunto; compilar ideias e práticas localizadas em universidades de diversos países europeus. Entre essas práticas, foi adotada pela Universidade de Malmö, à qual pertence Nilsson, a de trazer estrangeiros para distintos setores da universidade com o intuito de difundir a ideia de internacionalização "em casa". Embora válida, esse tipo de iniciativa encontra críticas, como as que são formuladas por Knight (2011). Em *Five Myths About Internationalization*, a autora alerta para o fato de que não basta a presença de estudantes estrangeiros em uma instituição para que a proposta de internacionalização "em casa" se consolide, pois, segundo ela:

Um mito de longa data é que mais estudantes estrangeiros no campus produzirão cultura e currículo institucionais mais internacionalizados. Embora isso possa ser a expectativa das universidades, a realidade geralmente apresenta um quadro

³⁴ António Marques elenca algumas estratégias empregadas na promoção da internacionalização "em casa" elaboradas na Universidade de Malmö, à qual estão vinculadas as pesquisas de Begnt Nilsson. Entre elas, destaca o estudioso português: o "reconhecimento do papel central do professor", a "formação de e seminários em assuntos interculturais, alocando tempo e recursos para intercâmbio de professores", a "introdução de cursos interculturais em diferentes programas acadêmicos e inserção de elementos internacionais/interculturais no currículo", a "contratação pelas Faculdades de pessoas da comunidade internacional de Malmö", como imigrantes, a "utilização de investigadores convidados e de estudantes de intercâmbio bem como de estudantes que são imigrantes locais como recursos na sala de aula", a "oferta de cursos ensinados em línguas estrangeiras", entre outras práticas. Cf. António Marques, "Internacionalização em Casa e Internacionalização do Currículo: ferramentas da melhoria do ensino", *op. cit.*

diferente. Em muitas instituições, os estudantes internacionais sentem-se marginalizados social e academicamente e muitas vezes experimentam tensões étnicas ou raciais. Frequentemente, sabe-se que os estudantes de graduação locais são conhecidos por resistirem, ou na melhor das hipóteses, manterem uma atitude neutra com relação a projetos acadêmicos conjuntos ou a se envolver socialmente com estudantes estrangeiros - a menos que programas específicos sejam desenvolvidos pela universidade ou pelo instrutor. (KNIGHT, 2011)

A crítica da autora procede e é aplicável, também, à realidade das universidades brasileiras, tal como apontam recentes trabalhos cujo foco recai sobre a percepção quanto ao acolhimento e à permanência de estudantes em mobilidade acadêmica em IES brasileiras (MARRARA; RODRIGUES, 2009; CÉSPEDES, LEAL e STALLIVIERI, 2016; SILVEIRA, 2016; SOUSA, 2016). Embora nesses trabalhos encontremos relatos de experiências de estudantes estrangeiros, principalmente em relação às dificuldades por eles enfrentadas, poucos autores propõem e em nenhum desses se encontram relatos de implementação de ações conjuntas e colaborativas que possam contribuir para uma possível reversão desse cenário.

3 ELABORAÇÃO DO GUIA DO ESTUDANTE ESTRANGEIRO BE UEL: ETAPAS

3.1 ETAPA 1: CONTEXTUALIZAÇÃO

Como foi exposto na introdução deste trabalho, a preocupação em elaborar, no formato de um *site*, um guia no qual fossem disponibilizadas ao estudante estrangeiro informações acerca dos procedimentos — acadêmicos e não — relativos à mobilidade estudantil internacional teve início a partir de minha experiência como gestora de um programa de intercâmbio celebrado entre uma IES brasileira e uma IES estrangeira. Passada essa primeira experiência, e após assumir algumas aulas de PFOL no Laboratório de Línguas da UEL, iniciei um levantamento junto à Assessoria de Relações Internacionais (ARI) da universidade com o propósito de identificar quais eram os recursos institucionais — digitais ou não — disponíveis em línguas estrangeiras destinados à divulgação e à promoção da IES, bem como à inclusão socioacadêmica de estudantes não proficientes em língua portuguesa.

Com base nesse primeiro levantamento, constatei que, embora algumas informações estivessem disponíveis em inglês na página da ARI, alocada no *site* da instituição, elas estavam incompletas e o acesso a algumas delas era feito de modo indireto, isto é, mediante solicitações via e-mail. Além disso, as orientações sobre os procedimentos a serem cumpridos pelos estudantes estrangeiros, como requisitos à admissão, obtenção de visto de estudante, legalização (na Polícia Federal), instalação (moradia), entre outros, e as informações acerca dos serviços oferecidos pela IES careciam de organização; de acessibilidade — os *links*, por exemplo, quando disponíveis, direcionavam o estudante a *sites* com informações em língua portuguesa; e de atratividade — considerando o perfil dos estudantes em mobilidade acadêmica internacional, majoritariamente jovem.

Dessa primeira sondagem, nasceu a proposta de um projeto de extensão que viesse a suprir, ainda que parcial e progressivamente, algumas das carências e lacunas então observadas, o *Be UEL*³⁵, e, a partir deste, a elaboração do Guia do Estudante Estrangeiro *Be UEL*, que vem a ser uma ação no âmbito de uma proposta maior de internacionalização e de promoção da IES.

Outro ponto de partida importante para a decisão de elaborar o Guia decorreu

³⁵ <https://projetoibeuel.wixsite.com/beuel>

do convívio com estudantes estrangeiros em regime de mobilidade acadêmica na universidade. Foi a partir dessa convivência, proporcionada pelas aulas de PFOL e por ações socioinclusivas promovidas pela universidade, como o *Café Intercultural*³⁶, que pude conhecer com maior profundidade as dificuldades experimentadas por estudantes vindos de outros países, sobretudo as relativas à escassez de informações em outros idiomas. Como consequência do contato e da aproximação com a realidade vivenciada por esses estudantes, tomei a iniciativa de realizar, com fins de levantamento, uma série de entrevistas informais com intuito de averiguar quais eram os maiores e mais recorrentes entraves por eles encontrados. Os relatos recolhidos mostraram que, entre os principais obstáculos oferecidos aos estudantes estrangeiros, estavam o acesso direto a informações em outros idiomas e o entendimento do “passo a passo” a ser cumprido, antes e depois da chegada ao Brasil e, em especial, à Universidade. Além disso, para melhor compreender as vivências dos estrangeiros em mobilidade na UEL, considerei ser relevante conhecer, antes, o perfil desses estudantes, bem como o da IES que os recebera.

Fundada em 1971 a partir da junção das faculdades de Letras, Direito, Filosofia e Odontologia, criadas na década de 1950, a Universidade Estadual de Londrina oferece, em um único campus, 54 cursos presenciais de graduação (39 bacharelados e 15 licenciaturas) e 237 cursos de pós-graduação (residências, especializações, mestrados e doutorados), distribuídos em 9 centros de estudo: Centro de Ciências Agrárias (CCA); Centro de Ciências Biológicas (CCB); Centro de Ciências Exatas (CCE); Centro e Educação, Comunicação e Artes (CECA); Centro de Tecnologia e Urbanismo (CTU), Centro de Educação Física e Esporte (CEFE); Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA); Centro de Letras e Ciências Humanas (CCLH); e Centro de Ciências da Saúde (CCS).

Em 2016, sua comunidade universitária³⁷ era formada por 17.874 estudantes (12.551 de graduação e 5.323 de pós); 1.658 docentes (70,08% destes com doutorado e 24,12% com mestrado) e mais de 3.403 agentes universitários. Em seu

³⁶ Partindo da ideia de integração entre pessoas de diferentes culturas, o Programa de Português para Falantes de Outras Línguas da Universidade Estadual de Londrina tem promovido, desde 2013, o “CAFÉ INTERCULTURAL”. A atividade consiste em encontros quinzenais ou mensais e tem como objetivo reunir pessoas interessadas em compartilhar alguns momentos de integração e de comunicação em língua portuguesa e línguas estrangeiras (definição retirada da página institucional da Assessoria de Relações Internacionais – ARI: <http://www.uel.br/ari/pages/eventos/cafe-intercultural.php>)

³⁷ De acordo com *UEL em dados* (2016), disponível na página institucional da Universidade de Londrina (<http://www.uel.br/proplan/portal/pages/proplan/uel-em-dados.php>).

corpo discente havia 110 estudantes estrangeiros³⁸ vinculados a programas de graduação (44) e pós-graduação (66), provenientes de países da América do Sul (56 estudantes, sendo que 98% são hispanofalantes); América Central (5 estudantes, sendo que 100% destes são hispanofalantes); América do Norte (5 estudantes, sendo que 80% tem o inglês como língua oficial); Europa (9 estudantes, sendo que 78% destes tem o francês como língua oficial); Ásia (13 estudantes, sendo que 69% destes tem o japonês como língua oficial); e África (22, sendo que 73% são de países que têm o português como uma das línguas oficiais)³⁹.

Tomando por base as experiências relatadas e os dados recolhidos no levantamento, concluí ser necessário iniciar uma nova etapa em meu trabalho, que consistia em conhecer o modo pelo qual outras IES públicas brasileiras se apresentam aos estudantes estrangeiros e como os guiam ao longo de todo o processo que envolve a mobilidade acadêmica internacional. Tal levantamento me permitiu compreender que, para o desenvolvimento do Guia, eu deveria levar em consideração não apenas as soluções encontradas pelas IES pesquisadas — para se fazerem conhecer e para fazerem conhecer os procedimentos necessários —, mas, sobretudo, o olhar crítico de estudantes estrangeiros sobre elas, a fim de que fossem identificadas também as lacunas que representam possíveis entraves ao acesso à informação. Assim, a análise dos *sites* das IES pesquisadas, a ser apresentada no próximo subitem, resulta do trabalho colaborativo com estudantes estrangeiros participantes do projeto *Be UEL*, que vieram a integrar a equipe responsável pela elaboração do Guia.

3.2 ETAPA 2: ANÁLISE COMPARATIVA DE *SITES* DE IES BRASILEIRAS

Para selecionarmos as IES brasileiras, cujos *sites* nos propusemos a analisar, usamos como referência as classificações das 10 melhores universidades do país, de acordo com o *QS World University Rankings 2017*; o *QS América Latina 2018*; o IGC (Índice Geral dos Cursos) do MEC (Ministério da Educação do Brasil) 2015; e o *Times Higher Education 2017*. A partir dessas avaliações, identificamos 6 (seis)

³⁸ Segundo informações disponibilizadas pela Assessoria de Relações Internacionais (ARI), em novembro de 2017.

³⁹ De acordo com o perfil dos estudantes estrangeiros atualmente matriculados (ativos) na IES, pudemos constatar que a maior parte deles tem o espanhol como primeira língua (56%) e o português como língua oficial (15%), o que justifica nossa proposta de entregar o Guia em língua portuguesa com versão para a língua espanhola no momento de sua disponibilização ao público.

universidades do país que figuram entre as 10 primeiras colocadas nesses *rankings*, sendo (1) Universidade de São Paulo (USP); (2) Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); (3) Universidade Estadual Paulista (UNESP); (4) Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); (5) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e (6) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A fim de melhor visualizar as informações disponibilizadas aos estudantes estrangeiros nas páginas institucionais das IES selecionadas, buscamos agrupá-las por categorias, (**IES**) Instituição de Ensino Superior; (**site**) página *web* institucional; (**admissão**) requisitos para ingresso na IES; (**docs**) informações sobre documentos necessários à entrada e à permanência legal no país; (**saúde**) informações sobre seguro saúde obrigatório aos estudantes estrangeiros e acesso aos serviços de saúde (*in e off campus*); (**moradia**) informações sobre moradia fora do campus (*off campus*); (**custo**) estimativa de gastos médios mensais; (**serviços**) informações sobre serviços disponibilizados pela IES à comunidade estudantil; (**chegar**) informações sobre como chegar à universidade (e à cidade); (**local**) informações sobre a cidade-sede da IES; (**PFOL**) informações sobre cursos de português para falantes de outras línguas ofertados pela IES, conforme quadro abaixo.

Quadro 1 - Análise comparativa das IES brasileiras⁴⁰

IES	site	admissão	docs	saúde	moradia	custo	serviços	chegar	local	PFOL
USP	•	/		•	/					
UNICAMP	•	•	•	•	•	/	•	•	•	•
UNESP	•	•	•	•	•	/	/	•	•	
UNIFESP	•	/	/	/						
UFRJ	•	•	•		•	•		•	•	•
UFMG	•	/						•	•	•

Fonte: a própria autora

Embora o foco de nossa análise fossem os *sites* de IES brasileiras, concluímos ser relevante e oportuno, uma vez que estamos tratando de mobilidade

⁴⁰ Legenda: (•) informação completa; (/) informação incompleta ou parcial; () informação indisponível.

acadêmica internacional, examinar alguns *sites* de IES estrangeiras com o intuito de conhecer como elas organizam e disponibilizam informações aos estudantes estrangeiros. Seguindo a mesma direção estabelecida para selecionar as IES brasileiras, nos baseamos em *rankings* das melhores universidades do mundo e das melhores universidades da América Latina (com exceção das brasileiras), de acordo com o *Times Higher Education 2017*. A partir deste *ranking*, foi possível chegar a 8 Instituições de Ensino Superior - (1) *University of Oxford*; (2) *Stanford University*; (3) *University of Cambridge*; (4) *Harvard University*; (5) *Pontifical Catholic University of Chile*; (6) *Monterrey Institute of Technology and Higher Education*; (7) *Ludwig-Maximilians-Universität München (LMU)*; e (8) *Umeå University*. -, as quais foram agrupadas (Cf. **Quadro 2**) segundo um critério de excelência relativamente à disponibilização de informações a estudantes estrangeiros em programas de mobilidade estudantil, que também nos serviu de parâmetro comparativo para a elaboração do *site*, resultado deste trabalho.

Quadro 2 - Análise comparativa das IES estrangeiras⁴¹

IES	site	admissão	docs	saúde	moradia	custo	serviços	chegar	local
Oxford	•	•	•	•	/	•	•	•	•
Stanford	•	•	•	•	•				•
Cambridge	/	•	•	•	•	•	•	•	•
Harvard	•	•	•	•	•	•	•	•	•
PCU Chile	•	•	•	•	•	•	•		
Monterrey	•	•	•	•	•	•	•	•	•
LMU	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Umeå	•	•	•	•	•	•	•	•	•

Fonte: a própria autora

Com base nas categorias apresentadas nos quadros **1** e **2**, elaboramos uma descrição sumária dos *sites* das IES brasileiras selecionadas, a fim de destacar, de

⁴¹ Legenda: (•) informação completa; (/) informação incompleta ou parcial; () informação indisponível.

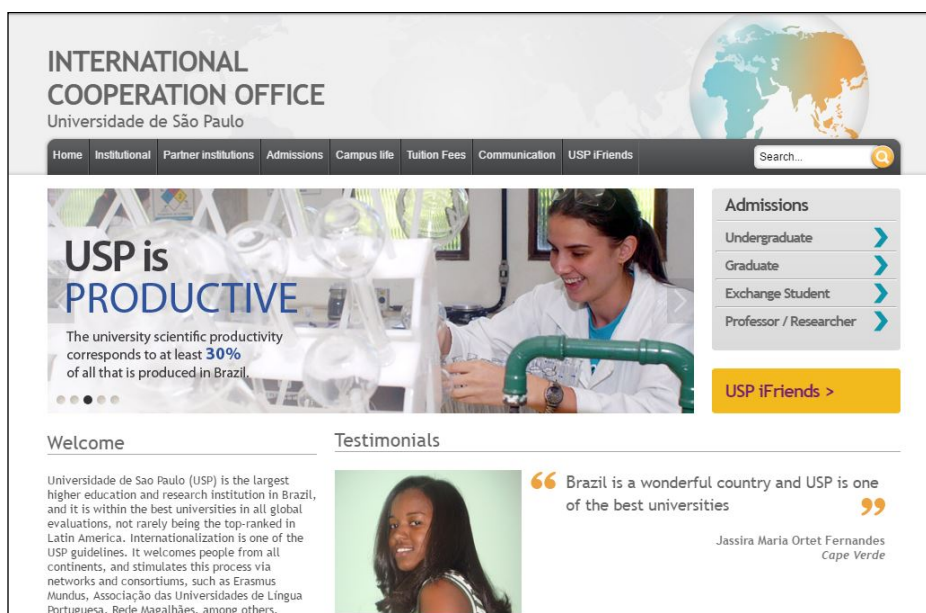
cada uma delas, suas **potencialidades** e suas **fragilidades**, para que estes pudessem servir de parâmetros a partir dos quais fosse possível pensar a elaboração de nosso *site*. Apresentamos a seguir as descrições dessas páginas.

3.2.1 Universidade Estadual de São Paulo (USP)

Desde o início deste trabalho, em 2016, a página institucional da Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI) passou por reformulações. A versão abaixo apresentada data do ano de 2018, segundo informação do próprio *site*.

Potencialidades: *layout*, visualmente “limpo” e atraente; acessibilidade (versões da página em português e inglês); disposição/organização das informações (em “abas” e “caixas”); programa USP iFriends⁴²; subpágina *Housing*, na qual são oferecidas, nos moldes de um banco de dados, opções de moradia fora do campus; seção (ou caixa) *Testimonials*, com alguns depoimentos (curtos) de estudantes estrangeiros; e vídeo institucional da USP em língua inglesa.

Figura 2 – Screenshot de página da AUCANI (versão em inglês)



Fonte: <http://www.usp.br/internationaloffice/en/>

Fragilidades: falta informações sobre os serviços oferecidos à comunidade

⁴² De acordo com o *site*, “USP iFriends é um programa de voluntariado criado pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional, em 2011, e que tem como intuito integrar os estudantes estrangeiros à comunidade universitária”.

estudantil, tampouco acerca do funcionamento deles; não há indicação do percurso a ser trilhado pelo estudante estrangeiro, como “o que fazer antes de chegar à USP” (como e onde solicitar o visto de estudante, por exemplo) e “o que fazer quando chegar à USP” (como registrar-se na Polícia Federal, entre outros); informações (incompletas) e procedimentos necessários (alguns deles) são apresentados no *Student and Researcher’s guide* (ver abaixo) em formato PDF⁴³ e com poucos links disponíveis; e não há versão do *site* para outros idiomas, como o espanhol e o francês.

Figura 3 – Screenshot do Student and Researcher’s guide (em PDF)

policy must be valid for the entire period of intended stay in the country. The choice of one specific travel insurance or another is the student's responsibility.

AFTER ARRIVAL

Once in Brazil, the foreign student must present himself/herself to the USP International Office in order to be introduced to the university and receive instructions regarding the necessary procedures.

The International Office staff will provide information about:

- USP ID card;
- Portuguese course enrollment;
- Signing up for classes;
- Student Single Transportation Card ("Bilhete Único Estudantil"), through the USP Superintendence for Social Assistance (SAS);
- Homestay Program

LIBRARIES

USP has 48 libraries located throughout its schools, museums and research institutes of all campi.

Integrated Library System
Online catalogue: <http://www.usp.br/sibi/>

PORTUGUESE CLASSES FOR FOREIGNERS

All the university's activities are held in Portuguese. The Language Center of the Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences (FFLCH) offers a Portuguese language course for USP's exchange students.

For more information, go to: <http://linguas.fflch.usp.br/node/3018>

Fonte: http://www.usp.br/internationaloffice/en/wp-content/uploads/2018-julho_Guia_estrangeiro.pdf

3.2.2 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

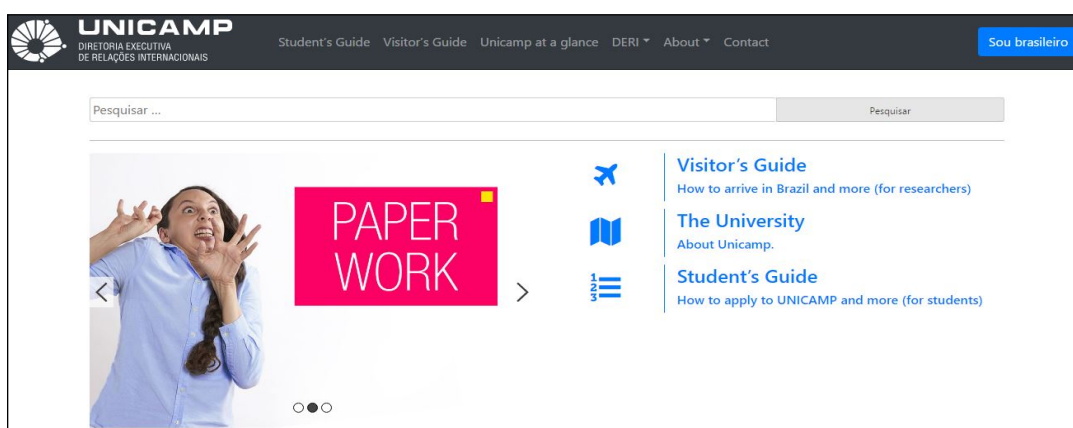
Assim como a página institucional da agência de cooperação internacional da USP, a da Diretoria Executiva de Relações Internacionais (DERI) da UNICAMP também sofreu adequações ao longo do período de desenvolvimento deste trabalho. Muito embora o ano da reformulação não seja informado no *site*, é provável que a nova versão tenha sido disponibilizada ao público no início do ano de 2018.

Potencialidades: *layout*, visualmente “limpo” e com apelo ao humor; acessibilidade (versões em português e inglês); disposição das informações (abas e

⁴³ Gostaríamos de esclarecer aqui que apresentar um guia ao estudante estrangeiro em formato PDF não vem a ser um problema em si, em termos de conteúdo e de informação, bem como da qualidade destes. No entanto, segundo nossa percepção, tal formato, por se aproximar ao de textos impressos, é menos atraente ao público a que se destina (majoritariamente jovem) e, além disso, não oferece a acessibilidade e a interatividade proporcionadas, a princípio, por um site.

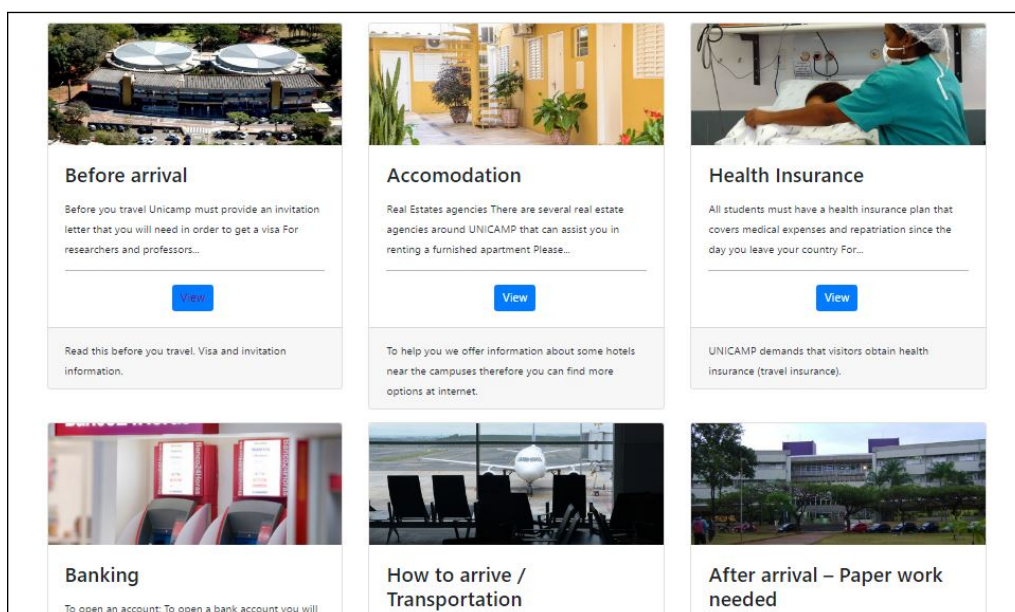
caixas); subpáginas *Student's Guide* – com linguagem voltada ao público jovem – e *Visitor's Guide*: os guias apresentam informações sobre os procedimentos necessários à mobilidade acadêmica, bem como as relativas à chegada e à permanência no país, de forma didática (sobretudo, o *Visitor's Guide*) e com *links* para acesso a outras páginas; mapa interativo do campus; subpágina *UNICAMP at a glance*, compilação das principais informações acerca da Universidade; e UnilInter⁴⁴, grupo voluntário responsável pela inclusão social de estudantes estrangeiros.

Figura 4 – Screenshot da página da DERI (versão em inglês)



Fonte: <http://www.internationaloffice.unicamp.br/>

Figura 5 – Screenshot da subpágina *Visitor's Guide* (versão em inglês)



Fonte: <http://www.internationaloffice.unicamp.br/visitors-guide/>

⁴⁴ De acordo com *site* da DERI, “UnilInter é um grupo de estudantes voluntários que podem ajudá-lo (estudante estrangeiro) com informações e assistência antes e durante sua estada na Unicamp. O grupo foi criado em 2015 por alunos que queriam melhorar a integração de estudantes estrangeiros na Unicamp, organizando eventos culturais em torno e fora do campus, como piqueniques, [...]”

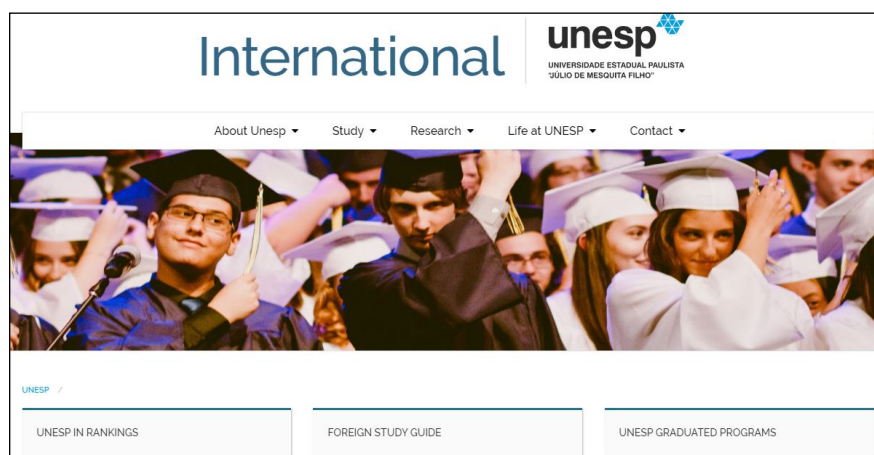
Fragilidades: o *Student's Guide* não oferece informações sobre os serviços oferecidos pela IES à comunidade acadêmica, como atendimento ambulatorial e psicológico, atividades culturais e esportivas, e bibliotecas. Além disso, nesse Guia, não há também indicação do percurso a ser empreendido pelo estudante estrangeiro, como “o que fazer antes de chegar à UNICAMP” (como e onde solicitar o visto de estudante, por exemplo) e “o que fazer quando chegar à UNICAMP” (como e onde fazer o CPF, como e onde abrir uma conta bancária, etc.); e não há versão do *site* para outros idiomas, como o espanhol e o francês.

3.2.3 Universidade Estadual Paulista (UNESP)

A página institucional da UNESP foi totalmente reformulada e ganhou novo *layout*. Apesar do próprio *site* não informar o ano da nova versão, acreditamos que ela tenha sido atualizada no início do ano de 2018, conforme data da última atualização registrada na subpágina “Histórico”.

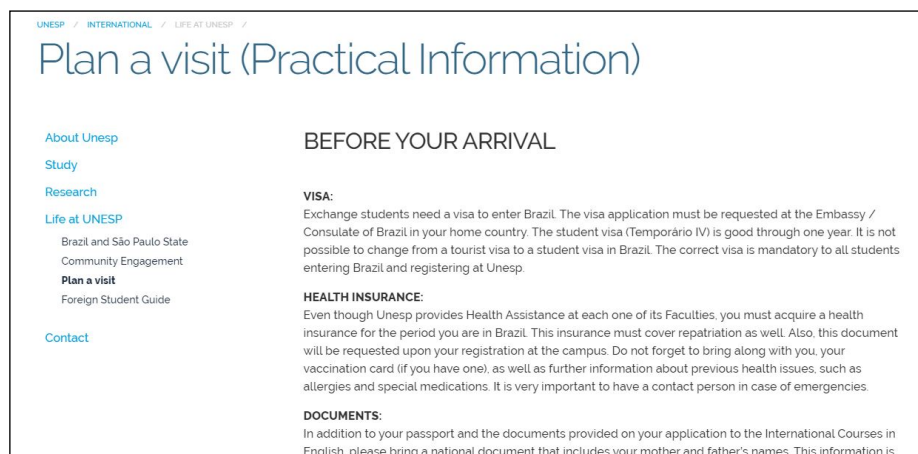
Potencialidades: *layout*, visualmente “limpo”, em consonância com os apresentados por reconhecidas IES estrangeiras (ver páginas da *University of Oxford* e da Universidade de Lisboa, por exemplo); acessibilidade (versões em português e inglês); disposição das informações (abas e caixas); em *Life at UNESP*, o estudante estrangeiro encontra algumas informações sobre o Brasil e o estado de São de Paulo, bem como algumas das etapas a serem cumpridas antes e depois de chegar ao país e à Universidade (tirar visto, adquirir seguro saúde, registrar-se na Polícia Federal etc.).

Figura 6 – Screenshot da página em inglês da UNESP



Fonte: <https://www2.unesp.br/portal#!/international>

Figura 7 – Screenshot da subpágina *Plan a Visit*



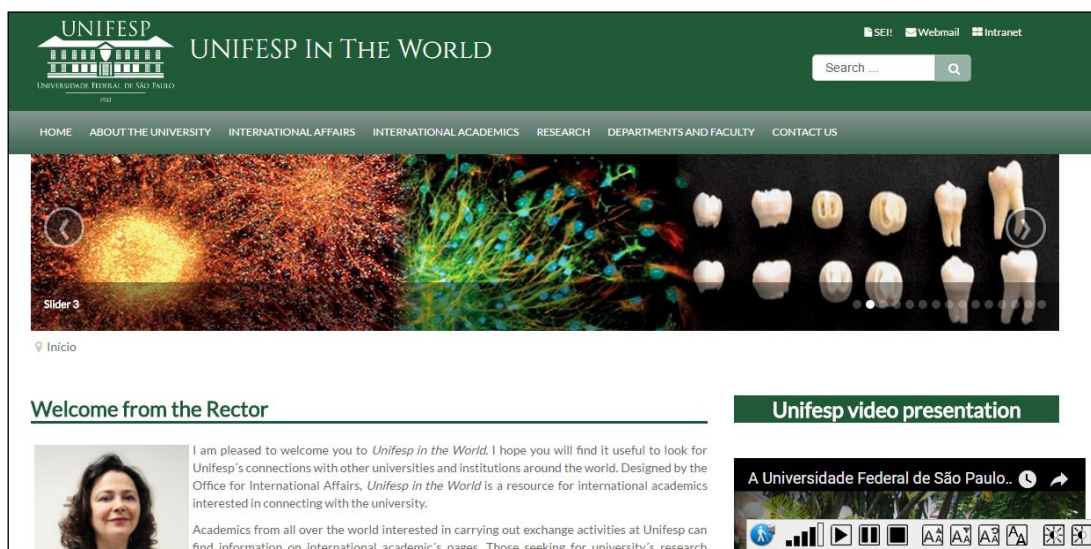
Fonte: <https://www2.unesp.br/portal#!/international/campus-life/plan-a-visit/>

Fragilidades: há poucos *links* para acesso a outras páginas e alguns deles não abrem; o guia do estudante é oferecido em formato *PDF*⁴⁵ e não há versões para outros idiomas, além do inglês.

3.2.4 Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

A página institucional da UNIFESP vem igualmente passando por reformulações e adequações desde o ano de 2013, de acordo com informação disponibilizada no *site* da Instituição.

Figura 8 – Screenshot da página em inglês da UNIFESP



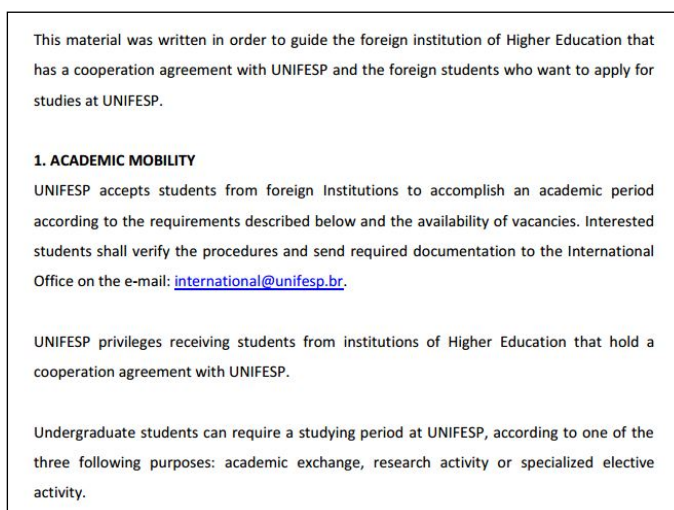
Fonte: <https://www.unifesp.br/world/>

⁴⁵ <https://www2.unesp.br/portal#!/international/campus-life/plan-a-visit/>

Potencialidades: *layout*, embora mais sóbrio, acompanha a tendência atual: “limpo” e interativo — como o recurso *slideshow* de apresentação de imagens; informações “panorâmicas” sobre a IES: apresentação geral das instâncias, departamentos, cursos ofertados e serviços oferecidos.

Fragilidades: dificuldade de localizar as informações no site; os *links* remetem a páginas em língua portuguesa; não há informações sobre o percurso que o estudante deve seguir, ou seja, o passo a passo; não há indicação da existência de um guia do estudante estrangeiro⁴⁶ propriamente dito, mas de algumas informações “soltas”, não organizadas, como a subpágina *Visa Information* encontrada na aba *International Affairs*. Portanto, o site se mostra pouco acessível e de difícil compreensão; não há versões para outros idiomas, além do inglês.

Figura 9 – *Screenshot* do guia de procedimentos da UNIFESP (em PDF)



Fonte: https://www.unifesp.br/world/images/arquivos/Undergraduate_students_Institutional_procedures.pdf

3.2.5 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Entre os *sites* examinados, o da Universidade Federal do Rio de Janeiro é aquele que apresenta os problemas mais notórios. Nele, não há nenhuma indicação para versão em inglês e, tampouco, para outras línguas. Embora exista uma aba que direciona o estudante para a página da Diretoria de Relações Internacionais (DRI),

⁴⁶ Por outras vias (pesquisa no *Google*), pudemos encontrar, em formato *PDF*, algumas orientações sobre admissão destinadas a estudantes estrangeiros de graduação candidatos à mobilidade acadêmica na UNIFESP, com o título *Information about admission procedures for incoming undergraduate exchange students at the Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP*.

caso este não conheça o idioma, o português, possivelmente terá dificuldade para identificar essa seção como sendo correspondente a de um *International Affairs Office*. Além disso, ao clicar na aba, ele é dirigido a uma página em que há uma descrição, em língua portuguesa, da Diretoria, seguida de uma série de contatos da equipe que nela atua. Apenas ao final dessa página é disponibilizado um *link*, por meio do qual o estudante tem acesso à página da DRI propriamente dita.

Figura 10 – Screenshot da página institucional da UFRJ

The screenshot shows the UFRJ website's main page. At the top, there's a navigation bar with 'BRASIL' and 'Serviços'. Below it, a secondary menu lists 'Administração', 'Graduação', 'Pós-graduação', 'Extensão', 'Estudantil', 'Pessoal', 'Gestão', 'Finanças', and 'TIC'. The main content area features a large banner for 'Admissão Cap UFRJ 2019' with 'Edital liberado!'. To the right, there are several news snippets, including 'PR-7 abre edital para alunos da graduação e pós-graduação' and 'Consumi analisa contrato entre UFRJ e BNDES'. At the bottom, a large section titled 'ESTUDANTE, QUEM É VOCÊ?' is highlighted, with a button that says 'Clique aqui e responda.'

Fonte: <https://ufrj.br/>

Com relação à página da Diretoria de Relações Internacionais (DRI), observa-se de imediato que a *layout* não chama a atenção.

Figura 11 – Screenshot da página da DRI, After Arrival da UFRJ

The screenshot shows the DRI UFRJ website. The header includes 'DRI UFRJ' and 'Diretoria de Relações Internacionais - International Affairs Office'. A navigation bar has 'HOME', 'PORTUGUESE', and 'SITEMAP'. The main content area is titled 'AFTER ARRIVAL' and contains text about arrival procedures, visa application forms, and registration at the Federal Police. A sidebar on the right includes a search bar, a 'HORÁRIO DE ATENDIMENTO' (working hours) section, and a 'CONTACTS' section listing staff members like Izabel de Souza and Paulo Roberto Jr.

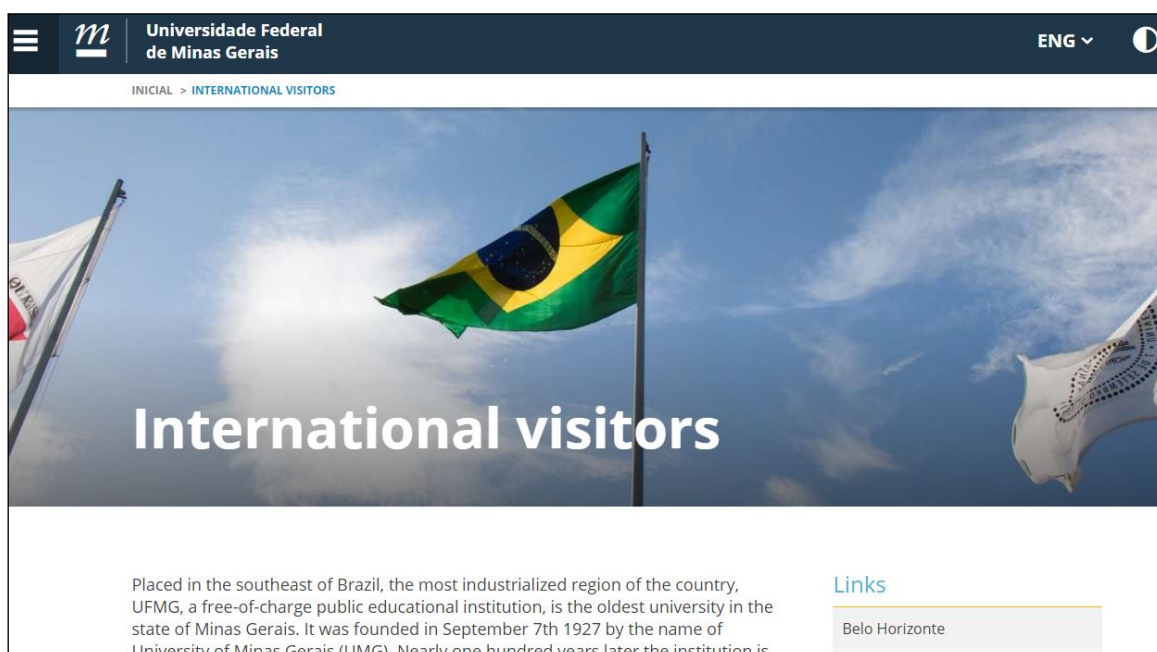
Fonte: <http://www.dri.ufrj.br/index.php/en/international-mobility/arriva>

Monocromático, sem chamadas atrativas, apresentado todo em língua portuguesa, o estrangeiro que nele busca se informar deve acessar um outro *link* para ter acesso à versão em língua inglesa; o que figura um sério problema de acessibilidade. Quanto ao modo como as informações estão apresentadas, muito se assemelha a um texto impresso visualmente pouco didático, com poucos *links* e nenhum ícone ou figura/imagem.

3.2.6 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Diferentemente do *site* da UFRJ, o *site* institucional da UFMG disponibiliza acesso fácil à versão em inglês. O *layout*, apesar de modesto, é moderno, contendo imagens que se alternam automaticamente e outros dispositivos que valorizam e dão destaque ao conteúdo nele veiculado. A seção em língua inglesa contém, além de breve apresentação da universidade, um vídeo institucional com legendas em inglês e, no canto direito da tela, uma relação de *links* para acesso a informações; contudo, muitos deles, quando acessados, conduzem o visitante a páginas em branco.

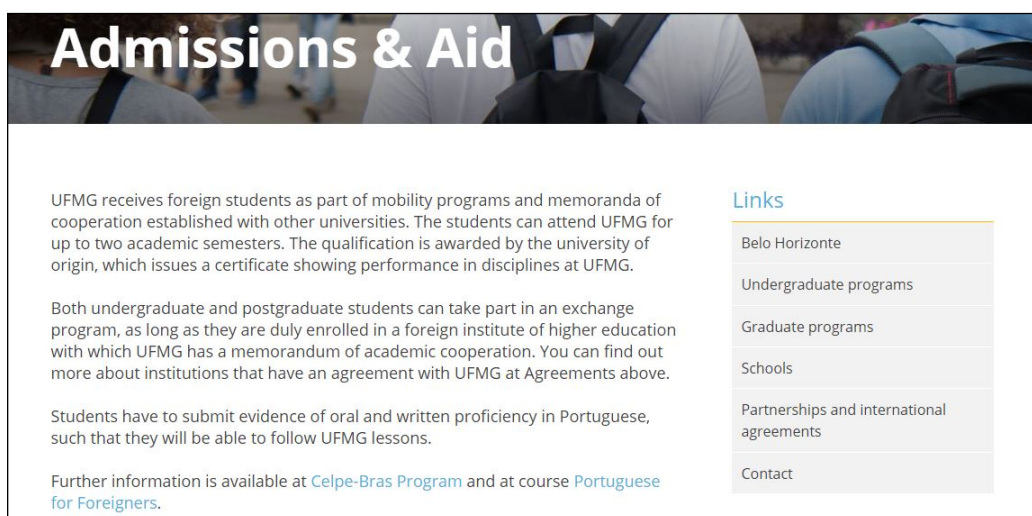
Figura 12 – *Screenshot* da página institucional da UFMG, versão em inglês



Fonte: <https://ufmg.br/international-visitors>

Entre as fragilidades, destacam-se os seguintes: na versão da página em inglês quase não há informações, pois, como anteriormente mencionado, as subpáginas cujos *links* de acesso se encontram no canto direito da página, estão, em sua maioria, em branco. Não há versão para o espanhol, apesar da indicação que se encontra no site sobre a disponibilidade de informações nesse idioma. A *International Visitors* é a única subpágina com algumas informações sobre os procedimentos necessários ao estudante estrangeiro.

Figura 13 – Screenshot da subpágina *Admissions & Aid* da UFMG



Fonte: <https://ufmg.br/international-visitors/international-student>

3.3 ETAPA 3: PERCURSO PARA ELABORAÇÃO DO GUIA

A obtenção e a organização dos dados para compor o Guia da UEL ocorreram de forma processual e foram realizadas levando-se em consideração questões como: (1) as especificidades da UEL; (2) o conhecimento prévio da própria pesquisadora; (3) a perspectiva dos estudantes estrangeiros; (4) os documentos e as informações disponibilizados pela IES, em particular pela Assessoria de Relações Internacionais (ARI); e (6) o levantamento de informações, preferencialmente agrupadas em formato de guia, destinadas ao recebimento de estudantes estrangeiros em páginas (sites) institucionais em outras IES do país e do exterior.

No processo de elaboração do Guia *Be UEL*, a questão de se levar em consideração as particularidades da IES para a qual seria desenvolvido o recurso digital surgiu logo nas primeiras reuniões da equipe responsável. Ao observarmos, por exemplo, alguns materiais/produtos similares disponibilizados por outras

universidades, sobretudo estrangeiras - uma vez que são poucas ainda as IES do país que sistematizaram *online* e forma interativa suas orientações aos estudantes internacionais -, constatamos que a maior parte desses se apresentava única e exclusivamente em inglês. Considerando o perfil dos estudantes estrangeiros recebidos pela UEL nos últimos anos e não ignorando a relevância da língua inglesa (como língua franca), estabelecemos que o guia deveria ser elaborado em língua portuguesa e, a partir deste, seriam feitas versões para o inglês e o espanhol, para quando de sua disponibilização ao público, e para o francês tão logo possível.

A concepção de uma matriz do Guia em língua portuguesa também se justifica pelo entendimento de que, sendo um produto educacional vinculado a área de ensino de línguas estrangeiras, o seu processo de criação deveria propiciar aos estudantes estrangeiros participantes do projeto o contato e o uso contínuo desse idioma. Ainda e não menos relevante, há, dentre a comunidade estudantil da UEL, estudantes provenientes de países que têm o português como língua oficial, como Moçambique e Angola. Assim, a necessidade de haver, para estes, instruções/orientações acerca dos processos de admissão e do funcionamento da IES nos foi apresentada.

Quando do cruzamento dos dados obtidos mediante a consulta de documentos oficiais e informações divulgadas pela IES em materiais (impressos e digitais) e o levantamento de *sites* institucionais de outras universidades, brasileiras e estrangeiras, tanto a experiência prévia da pesquisadora como gestora de um programa de intercâmbio como a dos demais integrantes da equipe, em processo de mobilidade acadêmica internacional, possibilitaram melhor percepção quanto ao tipo de informação/orientação que deveria constar do Guia e como esta deveria ser apresentada.

A partir dessa análise conjunta, amparada em experiências pessoais e em modelos adotados por IES mundialmente reconhecidas, foi possível reconhecer, entre outras, a necessidade de informar o estudante estrangeiro sobre o fato das universidades brasileiras não ofertarem moradia no próprio campus (salvo raras exceções) e, sendo assim, apresentar-lhe possíveis meios (grupos em redes sociais, por exemplo) para encontrar por conta própria outras formas de alojamento. Nesse sentido, uma vez que morar em “repúblicas” é a modalidade mais acessível a esse perfil de estudante, em virtude dos trâmites que envolvem alugar um imóvel no Brasil, entendemos ser também importante prestar esclarecimentos acerca desse

conceito de moradia.

Estimativa de custo de vida e explicações didáticas (passo a passo) sobre a obtenção de documentos como RNE (Registro Nacional de Estrangeiros) e CPF (Cadastro de Pessoa Física) foram igualmente apontadas como relevantes a compor o Guia. Nas reuniões periódicas com os participantes da equipe, constatamos, no entanto, que a maneira como essas informações deveriam ser disponibilizadas também importava. Assim, com base em soluções encontradas por outras IES e, sobretudo, nos entraves vivenciados por esses estudantes em decorrência de muitas vezes desconhecerem os procedimentos que deveriam ser adotados antes da chegada à IES e os relativos ao momento desta, ou seja, às primeiras providências para sua permanência na universidade e no país, compartimentamos as informações/orientações obedecendo a uma divisão que será apresentada na seguinte seção deste trabalho.

4 APRESENTAÇÃO DO GUIA *BE* UEL

O Guia do Estudante Estrangeiro *Be UEL*⁴⁷ foi desenvolvido por meio de uma plataforma *online* que permite a criação e a edição gratuita de *sites*, uma vez que não havia recursos financeiros disponíveis para tal empreendimento. Com base na análise de outras páginas *web* similares e nas observações feitas pelos estudantes estrangeiros participantes da equipe responsável pela elaboração do Guia, propusemos o seguinte *layout*⁴⁸ e divisão para o *site*:

4.1 PÁGINA INICIAL

A página inicial (*Home*) vem a ser “capa” do *site*. Nela, é feita a apresentação inicial dos conteúdos (informações) disponíveis.

Figura 14 – *Screenshot* da página da inicial (*Home*)



Fonte: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel>

No canto superior esquerdo, há 3 (três) abreviaturas: **PT**, **EN** e **ES** que

⁴⁷ Disponível em: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel>

⁴⁸ Segundo o dicionário Priberam (online), *layout*, palavra de origem inglesa, é “o modo de distribuição e arranjo dos elementos gráficos num determinado espaço ou superfície”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/layout> [consultado em 20-05-2018].

indicam a existência de 3 (três) versões⁴⁹ do *site*, em português, inglês e espanhol. No canto superior direito, é possível visualizar o *Menu*, no qual se localizam as seguintes páginas: a própria *Home*; *Be UEL*⁵⁰; e *Sobre*.

Mediante o recurso de “rolamento” da barra lateral à direita, é possível visualizar 4 (quatro) caixas/quadros que direcionam às subpáginas *Antes de chegar*, *Quando chegar*, *A vida na UEL* e *Fale Português*, conforme imagem anteriormente.

4.2 BE UEL

Nessa página, o estudante tem acesso ao vídeo institucional da UEL⁵¹, aos procedimentos que deverão ser adotados antes de sua vinda ao Brasil e à IES, bem como aos relativos ao momento de sua chegada (como a obrigatoriedade de se registrar na Polícia Federal e de fazer o Cadastro de Pessoa Física - CPF). Não menos importante, estão disponíveis também informações acerca dos serviços oferecidos no campus à comunidade estudantil e aos estudantes estrangeiros em particular, como as aulas de português para falantes de outras línguas (PFOL). Com intuito de facilitar o entendimento e o acesso, optamos por dividir a página em 4 (quatro) subpáginas de modo a agrupar as informações que correspondem a cada fase da mobilidade acadêmica: *Antes de chegar*, *Quando chegar*, *A vida na UEL*; e *Fale Português*.

4.2.1 Antes de chegar

Dividida em 6 (seis) subpáginas, nesta seção o estudante estrangeiro encontra informações sobre procedimentos e documentação, acadêmicos ou não, necessários à vinda ao Brasil e à UEL.

Figura 15 – Screenshot da subpágina “Antes de Chegar”

⁴⁹ Quando da disponibilização ao público, esperamos apresentar também a versão da página em espanhol.

⁵⁰ Ainda sobre o *Menu*, ao clicar na subpágina *Be UEL*, tem-se acesso a 4 (quatro) outras subpáginas: *Antes de chegar*; *Quando chegar*; *A vida na UEL*; e *Fale português*.

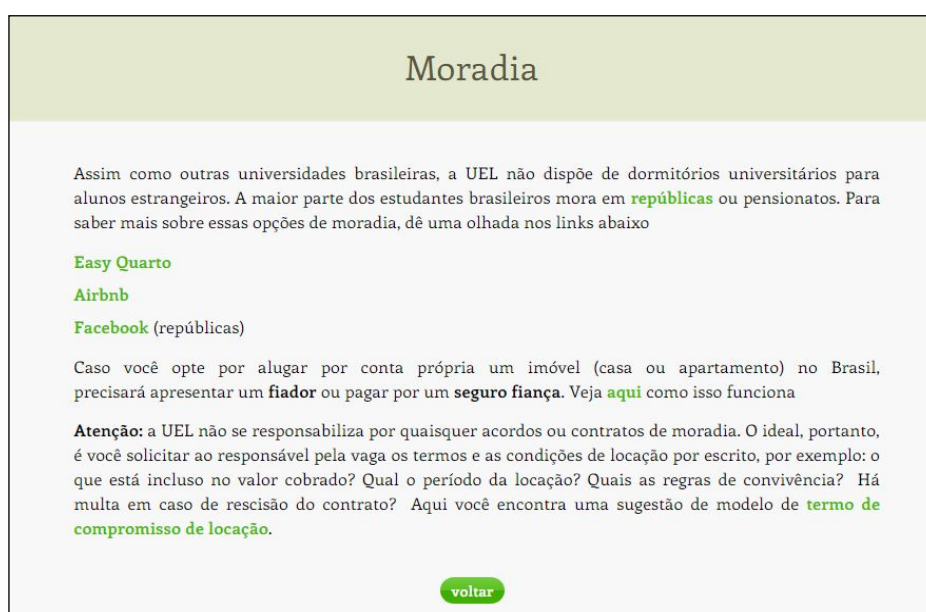
⁵¹ Créditos: Trilha sonora: "Jazz fusion" - Daniel Mazini Filmagem e edição: Felipe Cazale Produção: Cris Grande & Pedro Paulo Ayrosa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iENwMIKZUIE>



Fonte: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel/antes-de-chegar>

Dentre as subpáginas encontradas em *Antes de chegar*, a que traz informações referentes à Moradia foi concebida levando em consideração a necessidade apontada pelos estudantes estrangeiros de apresentar informações sobre o que vem a ser a modalidade *república* e sobre a obrigatoriedade de fiador/seguro fiança para locações de imóveis no Brasil.

Figura 16 – Screenshot da subpágina “Moradia”



Fonte: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel/moradia>

4.2.2 Quando chegar

Nesta subpágina, é possível o estudante estrangeiro encontrar informações acerca dos procedimentos acadêmicos a serem realizados no momento da chegada à UEL (matrícula, cadastro, carteirinha, entre outros), bem como o passo a passo para tirar a documentação necessária à sua permanência legal no país (Registro Nacional de Estrangeiros - RNE), à abertura de conta bancária (Cadastro de Pessoa Física – CPF) e ao uso do transporte público na condição de estudante (Passe Escolar); entre outras.

Figura 17 – Screenshot da subpágina “Quando chegar”



Fonte: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel/quando-chegar>

Como nas demais, destacamos na subpágina CPF a presença de *links* (em verde) que direcionam o estudante a outras páginas do próprio *site*, como o caso do *link* para o RNE, e também para páginas externas, como a dos Correios e a do Banco do Brasil. Ainda, quando disponíveis, tivemos o cuidado de direcioná-lo a versões dessas em língua inglesa.

Figura 18 – Screenshot da subpágina “CPF”

Faça o seu CPF

O Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) é o documento que registra os contribuintes (brasileiros e estrangeiros) junto à Receita Federal do Brasil. Para emití-lo, você deve ir a uma agência dos **Correios** ou do **Banco do Brasil** e pagar uma taxa no valor de **7 (sete) reais**. Os documentos necessários à emissão do CPF são: passaporte (original) ou **RNE** (ou ainda o protocolo do RNE) e comprovante de residência no Brasil.

Atenção: o CPF é **obrigatório** para cadastro no sistema UEL e para a abertura de conta bancária.

[voltar](#)

Fonte: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel/cpf-onde-e-como>

4.3.3 A vida na UEL

Nesta subpágina, o estudante encontra informações acerca dos serviços oferecidos pela IES à comunidade acadêmica em geral, como os de saúde (DASC, Clínica Psicológica, Clínica Odontológica etc.) e os de apoio (restaurante universitário, SEBEC etc.).

Figura 19 – Screenshot da subpágina “A vida na UEL”

A vida na UEL



Alimentação
Saiba onde *matar a fome* no campus



Na UEL tem
Serviços disponíveis no campus



Cuide da sua saúde
Atendimento médico gratuito no campus e na cidade



A UEL cuida de você
Serviços de apoio oferecidos aos estudantes



Mexa-se
Modalidades esportivas oferecidas no campus
Skype



Seja cult
Espaços culturais, festivais, agenda cultural

Fonte: amandamendesopfp.wixsite.com/beuel/a-vida-na-uel

Ainda pensando no bem-estar e na inclusão sociocultural desse estudante, a seção também disponibiliza informações acerca das modalidades esportivas

oferecidas no campus (no NAFI) e dos espaços e instituições culturais mantidas pela universidade, como o Museu Histórico de Londrina, o cinema Com-tour, a Divisão de Artes (DAPS), a orquestra (OSUEL), dentre outros.

4.3.4 Fale português

Uma vez que os cursos regulares (graduação e pós-graduação) da UEL são oferecidos em língua portuguesa, é importante que o estudante estrangeiro saiba que aulas de PFOL são ofertadas regularmente pela IES. Assim, estão disponibilizadas na subpágina *Fale Português* informações sobre (a) cursos (carga horária, níveis, local, período de inscrição etc.); (b) aplicação do exame nacional de proficiência em língua portuguesa, Celpe-Bras, realizado no próprio campus; (c) dicas para aprender português *online*; e (d) “Café Intercultural”, atividade promovida pela IES que visa a integração de estudantes brasileiros e estrangeiros.

Figura 20 – Screenshot da subpágina “Fale Português”



Fonte: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel/aulas-de-portugues>


4.3 SOBRE

Ainda em processo de finalização, página *Sobre* traz uma breve apresentação do Guia e da equipe responsável por sua criação, buscando nela incluir não apenas aqueles que colaboraram ativamente na elaboração do *site*, como também os que,

com seu conhecimento e experiência, atuaram como consultores externos e, assim, contribuíram para o resultado aqui apresentado.

Figura 21 – Screenshot da página “Sobre”


EQUIPE




Amanda Mendes

Idealizadora

Graduada em Letras pela UNESP e mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras Modernas (MEPEM), Amanda é professora de Português para Falantes de Outras Línguas no Laboratório de Línguas (IRCH), revisora de textos e curiosa.
Para ela, manter um *olhar estrangeiro* sobre todas as coisas nos aproxima. Acreditando nisso, em 2017, ela colaborou para a elaboração do projeto internacionalização **Be UEL**, do qual esse guia faz parte.







Angel Labrador

Colaborador

Graduado em Engenharia Elétrica pela *Universidad Central de Venezuela* (2013) e mestre em Engenharia Elétrica pela UEL (2018), Angel é doutorando na UEL na área de otimização - matemática aplicada a redes inteligentes. "Lutando contra a burocracia ou (pelo menos) tentando encontrar soluções para torná-la mais inteligente".






Claire Peltier

Colaboradora

Estudante de graduação do curso de Medicina Veterinária na *École Nationale Vétérinaire de Toulouse*, Claire está fazendo intercâmbio na Universidade Estadual de Londrina e aproveitando a experiência para fazer o que mais gosta, fora cuidar de animais silvestres: viajar e conhecer novas culturas.
Respeito e altruísmo são conceitos essenciais que ela aplica ajudando as pessoas da melhor maneira possível.



Fonte: <https://amandamendesopfp.wixsite.com/beuel/sobre>

Concluídas algumas etapas – entre as quais a revisão bibliográfica e a análise dos dados coletados – surge um primeiro momento de (breve) reflexão crítica, não apenas acerca dos resultados até então obtidos, entre os quais a existência do Guia em si, mas também dos obstáculos encontrados ao longo do processo de elaboração do guia *Be UEL*.

A busca por referências bibliográficas e, neste sentido, por projetos de pesquisa similares que envolvessem a comunidade estudantil – em particular, a de estudantes estrangeiros – na elaboração de um recurso digital destinado à melhoria no acesso à informação (acadêmica e não) e na inclusão social apresentou-se como primeiro desafio (não totalmente superado) ao embasamento teórico (e prático) deste trabalho. Ainda que existam trabalhos cujo foco recai sobre a percepção quanto ao acolhimento e à permanência de alunos em mobilidade acadêmica em IES brasileiras (MARRARA; RODRIGUES, 2009), poucos propõem e nenhum desses implementa uma ação (conjunta e colaborativa) que possa contribuir para uma possível reversão do cenário atual – por vezes precárias em termos de organização e disponibilização de informações em línguas estrangeiras acerca do funcionamento das universidades do país.

Tal carência, no entanto, nos motivou a buscar outras fontes de conhecimento. Nesse sentido, o contato com os estudantes estrangeiros, mediante conversas informais e reuniões periódicas para elaboração do Guia, e a experiência prévia da pesquisadora como gestora de um programa de intercâmbio foram percebidos, ao longo do processo, como recursos valiosos ao direcionamento que deveria ser dado ao trabalho: sendo o objetivo deste atender, sobretudo, às demandas desse público em particular - qual seja o de pessoas interessadas (ou já) em mobilidade acadêmica -, quem melhor do que ele para sinalizá-las e, mais, para apontar o caminho para que essas solicitações sejam atendidas?

Ao levarmos em consideração esse “olhar estrangeiro”, nos demos conta de que a nossa intenção primeira, a de nos colocarmos no papel de “guia”, se revelou um tanto pretensiosa, uma vez que muitos dos caminhos (acertadamente) sugeridos nos foram “de fora” apresentados.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: motivations and realities. **Journal of Studies in International Education**, [S.L], v. 19, p. 290-305, 2007. Disponível em: <http://jsi.sagepub.com/content/11/3-4/290>. Acesso em 14 jul. 2016.
- ALTBACH, P.; REISBERG, L.; RUMBLEY, L. Trends in Global Higher Education: tracking an academic revolution. **UNESCO**, Paris, p. 01-278, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183219e.pdf>. Acesso em 14 de jul. 2016.
- ANDRADE, A. M. J. de; TEIXEIRA, M. A. P. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 maio 2017.
- BRASIL. A internacionalização na universidade brasileira: resultados do questionário aplicado pela CAPES. **CAPES**, Ministério da Educação. Diretoria de Relações Internacionais, Brasília, 31 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/a-internacionalizacao-nas-ies-brasileiras-pdf/view>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- COSTA, Alexandre M. et al. Percepção dos alunos estrangeiros que participaram do programa de intercâmbio na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, **Repositório Institucional**, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/63966>. Acesso em 10 jun. 2017.
- DE WIT, H. Trends, issues and challenges in internationalization of higher education. **Centre for Applied Research on Economics and Management**, Amsterdam, 2011. Disponível em: <http://www.yieldopedia.com/paneladmin/reports/49f924b8e497fc0b88e9893772eccd4c.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2016.
- DE WIT, H. Globalisation and internationalisation of higher education. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**, v. 8, n. 2, p. 241-248, 2011. Disponível em: <http://rusc.uoc.edu/ojs/index.php/rusc/article/view/v8n2-dewit/v8n2-dewit-eng>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- FAUBAI. Política linguística para internacionalização do ensino superior. **Documento do GT de Políticas Linguísticas para Internacionalização**, nov. 2017. Disponível em: <http://faubai.org.br/pt-br/wp-content/uploads/2019/01/Documento-do-GT-de-Pol%C3%ADticas-Lingu%C3%ADsticas-da-FAUBAI.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.
- FEIJÓ, R. N. A internacionalização da educação superior no Brasil: um estudo de caso de alunos estrangeiros do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS. **Lume**, 2013. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/72785>. Acesso em 09 set. 2016.

FONSECA, R. C. V. da. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. Curitiba: IESDE, 2012.

FRANKLIN, L. A.; ZUIN, D. C.; EMMENDOERFER, M. Processo de internacionalização do ensino superior e mobilidade acadêmica: implicações para a gestão universitária no Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 130–151, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650831>. Acesso em: 2 dez. 2020.

FURTOSO, V. A. B.; EL KADRI, M. S.; VELOSO, V. Z. **Investimento na troca linguístico-cultural**: o papel do laboratório de línguas na internacionalização da UEL.

KNIGHT, J. Five Myths about Internationalization. **International Higher Education**, n. 62, 2011. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8532/7666>. Acesso em: 15 jul. 2016

_____. The internationalization of Higher Education in the 21st Century: new realities and complexities. In: **Higher education in turmoil**: the changing world of internationalization. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. Disponível em: <https://www.sensepublishers.com/media/475-higher-education-in-turmoil.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. An internationalization model: meaning, rationales, approaches, and strategies. In: **Higher education in turmoil**: the changing world of internationalization. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. Disponível em: <https://www.sensepublishers.com/media/475-higher-education-in-turmoil.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**. 2004. Disponível em: <http://www.hu.ac.th/english/academic/documents/Jknight.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. Updated definition of internationalization. **International Higher Education**, n. 33, 2003. Disponível em: https://www.bc.edu/content/dam/files/research_sites/cihe/pdf/IHEpdfs/ihe33.pdf. Acesso em: 20 jul. 2016.

_____. Internationalization: elements and checkpoints. **Canadian Bureau for International Education**, [S.L], n. 7, 1994. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED549823.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2016.

MARRARA, T.; RODRIGUES, J. de A. **Medidas de internacionalização e o uso de idiomas estrangeiros nos programas de pós-graduação brasileiros**, v. 6, n. 11, 2009. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/169/163>. Acesso em: 18 jul. 2016.

MARSON, M. Z.; FURTOSO, V. A. B. O projeto Paraná Fala Inglês no contexto sócio-histórico de internacionalização das universidades brasileiras. In: CONELIN - CONGRESSO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 3, 2015, Cornélio Procópio. **Anais**, Cornélio Procópio: UENP, 2015. p. 700-715. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/380404_0c21b43c6b0c4d40bdb8ef5bcae6a7b6.pdf. Acesso em: 16 mar. 2016.

MOROSINI, M. C. Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 16 mar. 2016

_____. Internacionalização da Educação Superior. In: MOROSINI, M. C. (Ed). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. v. 2. Glossário. Brasília: Inep, 2006.

SILVA, C. S.; LIMA, M. C. A percepção do estudante internacional sobre seu acolhimento em Instituições de Educação Brasileiras.. In: 3ª Conferência FORGES, 2013, Recife. **3ª Conferência FORGES**, 2013. Disponível em: http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2017/03/C-Silva_M-Lima_A-percepcao-do-estudante.pdf. Acesso em 10 out. 2017.

SOUSA, I. C. F. Uma análise de iniciativas individuais e institucionais para a socialização de estudantes estrangeiros. In: **Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios**. Bahia: Oikos Editora, 2016, pp.128-145. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Um%20olhar%20sobre%20as%20diferen%C3%A7as%20-%20e-book%20-%20BAHIA%20e%20SANTOS.pdf#page=129>.

STALLIVIERI, L. Internacionalização do Ensino Superior. **V Fórum de Internacionalização da UNESP**, 05 e 6 dez., 2016, Bauru. Disponível em: <http://unesp.br/Home/arex/oprocessodeinternacionalizacaodaeducacaosuperiorlucianestallivieri.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

TANOUE, A. D.; MORILAS, L. R. **A internacionalização do ensino superior no Brasil**: um estudo de caso das políticas da Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em: https://www.aforges.org/wp-content/uploads/2017/03/A-Tanoue_A-internacionaliza_o-do-ensino.pdf. Acesso em: 14 mar. 2016.